



## **Almanaque Alentejano**

**2011 - Ano VII - N.º 7 - 2ª Série**  
*Revista anual, editada em Dezembro de 2010*

### **Capa:**

Pintura de António Galvão

### **Director e Editor:**

Lúis Jordão

### **Colaboraram neste numero:**

Ana Paula Venceslau, Antónia M. Balão  
Jordão, António Galvão, António José Zuzarte,  
C. Ferraz da Conceição, Elsa Lopes,  
F. Constantino Pinto, Fátima Marques,  
Fernanda Frazão, G. Alves Coelho, Gabriela  
Morais, Gonçalo Jordão, Graça Anjos Jordão,  
H. Mourato, Isabel de Carvalho, João  
Pimentel, José Roque, José S. Miranda,  
Lúis F. Maçarico, M. Parissi, Mário Matos,  
Moisés Cayetamo Rosado, Nuno Rebocho,  
Pedro Cuncos, Rui Rosado Vieira, Silvina  
Silvério, Tiago Cuitelo, Vivaldo Quintans

### **Produção:**

Esforço conjunto de  
Lúis B. B. Jordão e de Audiplano  
Tel/Fax 218 878 001 . E-mail: luis.jordao@clix.pt  
Rua de S. Tomé, 37 - r/c - 1100-561 Lisboa

### **Impressão:**

Ciência Gráfica, Lda  
Estrada Nacional 10, Km 140-100  
2695-066 Bobadela  
Tel.: 21 994 71 20  
Email: geral@cienciagrafica.pt

ICS: 124715

Dep. Legal: 221322/05

## **ÍNDICE**

PERGUNTANDO.....	4
A FORTALEZA DE MONSARAZ.....	7
O ALENTEJO E O CULTO CÉLTICO DAS CABEÇAS.....	9
A IMPORTÂNCIA DO LIVRO OS LIVROS DE CERA.....	12
PELOS TRILHOS DO CANTE (II).....	14
PSEUDÓNIMOS E AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ALENTEJANAS.....	15
A PROPÓSITO DA «EXPOSIÇÃO DE TAPETES DE ARRAIOLOS», EM 1917.....	16
VIOLA CAMPANIÇA APONTAMENTOS HISTÓRICOS.....	17
O ALENTEJO E OS PRIMÓRDIOS DAS CARTAS DE JOGAR EM PORTUGAL.....	19
OLIVENÇA D'ALÉM GUADIANA.....	20
EM DEFESA DAS CULTURAS REGIONAIS, DO REGIONALISMO E DA REGIONALIZAÇÃO, HOJE E SEMPRE.....	21
CLIMA DE GUERRA OU A GUERRA DO CLIMA.....	22
AVIFAUNA O MILHAFRE.....	26
AGRICULTURA ALENTEJANA QUE FUTURO?.....	29
RAIOS OS PARTAM!.....	41
ACORDAR NO SUL.....	42
COSTA VICENTINA.....	42
VISIÓN EN LA PLAZA DE TOROS VIEJA DE BADAJOZ.....	43
SILENCIO.....	44
RUAS DE SERPA.....	45
LOUCOS E VAGABUNDOS.....	46
FRONTEIRA.....	47
LUMINOSA BARRANCOS.....	48
DE SOL A SOL.....	49
7 TIPOS DO MEU PAIS SURREALISTA.....	50
FORCADAGEM, FORCADOS AMADORES DE MONFORTE.....	51
O ALENTEJO, SUA GENTE, A CULTURA, VISTO POR DUAS TURISTAS DE ORIGEM LUSOFONA.....	52
ERVAS AROMÁTICAS, MEDICINAIS E ALIMENTARES.....	53
UM PETISCO DO OUTRO MUNDO, GASPACHO À MODA DO ALENTEJO.....	54
ANUARIO - CALENDÁRIO, FERIADOS, FASES DA LUA, ECLIPSES, ESTAÇÕES DO ANO, LEGISLAÇÃO SOBRE HORA LEGAL, ASTROLOGIA.....	56

# PERGUNTANDO

## *Sobre a candidatura do Cante a património imaterial da humanidade*

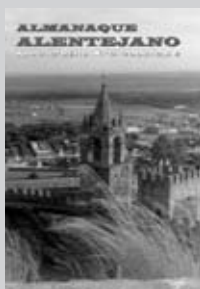
Hoje não venho contar coisas nem tentar debitar sapiência sobre o Cante. Hoje só quero fazer uma ou outra pergunta das que se ouvem nos sítios em que se e se canta e se fala deste baluarte da nossa cultura. Como por exemplo:

- 1) que se passa, realmente, sobre a candidatura do Cante a património imaterial da humanidade?
- 2) Afinal qual é o papel de A Moda, no concreto, quanto a isto?
- 3) Não haverá pura e simplesmente falta de um grupo/comissão forte, activo, e organizado ?
- 4) E a Casa do Alentejo, que sempre esteve na linha da frente destas lutas, onde está?

É óbvio, que muitas mais são as perguntas sobre este assunto que aqui poderiam ficar, mas diz o provérbio que há mais marés do que marinheiros... e eu acredito.

*Luis Jordão*

*Números Anteriores*





# EDITORIAL

## O défice

Tem sido dito vezes sem conta, a tempo e o seu contrário, com nuances várias e com diversos graus de agressividade / intensidade, ao longo dos anos, que em todos os tempos houve gente *rasca*, gente *à rasca* e gente que *se desenrasca*, bem como os inevitáveis duplos ou triplos cruzamentos. Afirmção com que, genericamente e sem banalizações, concordo.

É claro que ambos os núcleos se podem acentuar, mais um ou mais o(s) outro(s), consoante o tipo de valores que enformem o perfil de quem nos dirige / governa / manobra e mais ainda de quem os dirige / governa / manobra a eles. Mas, para nossa desgraça, quem dirige os destinos deste rectângulzinho, até parece fadário, a maior parte das vezes enquadra-se no primeiro grupo. E isso (*por nobres honremos bem as excepções*) desde o tempo dos tempos.

Antigamente ainda se ia escondendo, ou pelo menos disfarçando/camuflando a silhueta a este indiscutível e incontornável facto, coisa que hoje, por desbragado, não é mais possível.

Só que, hoje também, com o evento desta absurda e incontrolável globalização, estamos sendo, simples e permanentemente, formatados segundo o gosto e interesse(s) da gente *rasca*, cada vez mais *rasca*, que *se desenrasca* e nos vai (des)governando. Isto é, se não nos pusermos a pau tendemos a ser todos gente *rasca* e, cada vez mais, muito *à rasca*.

Contudo, a gente *rasca* que *se desenrasca* passando por cima de tudo e de todos, às vezes ainda me consegue espantar com a hábil criação de casinhos em sucessão vertiginosa para camuflarem casos verdadeiramente importantes e até escabrosos, ou pelo menos para desviarem a nossa atenção da sua existência e importância. Mas deixa-me ainda mais banzado o facto de isto ser feito absolutamente às escancaras e o povo deixar-se, simplesmente, ir.

Por vezes assustam-me os pensamentos que me assaltam: será que é a gajada *rasca* que nos (des)governa que é mais inteligentemente perigosa do que eu pensava?... ou será que é o povo, *à rasca*, que é mais bronco, manso e acarneirado do que eu quero acreditar que sejamos?...

E assim se conturbam os meus dias. Cada vez mais com a convicção de que o grande défice deste país é de valores, simples e básicos valores, como por exemplo: o carácter, a honradez, a dignidade, a vergonha, o respeito pelos outros, etc., etc. ....

Como consequência da nova formatação / desformatação / formatação que vamos sucessiva e permanentemente sofrendo, com receio e sem querer saber a resposta, pergunto-me: como serão os filhos dos nossos filhos e depois os filhos deles?...

# JORDÃO

## CONSERVAÇÃO E RESTAURO

**Dedicamo-nos à  
prestação de serviços e  
consultoria nas áreas  
do tratamento,  
conservação e restauro  
do património, com  
trabalho feito e algum  
em curso, com  
profissionais  
abalizados, cujo  
currículum acompanha  
os nossos orçamentos:**

### **RESTAUROS**

Pintura mural e de cavalete  
Douramento  
Estuque decorativo  
Azulejos  
Livros  
Arte sacra  
Madeiras

### **PINTURA DECORATIVA**

Tectos, paredes, móveis e  
pavimentos

### **CONSULTORIA**

Tratamento, protecção e  
restauro de superfícies

### **DESIGN DE INTERIORES**

Alentejo: Rua de S. Sebastião (antiga Rua de Fora), 11 .. 7240 Mourão

Lisboa: Rua de S. Tomé, 37 – r/c .. 1100-561 Lisboa

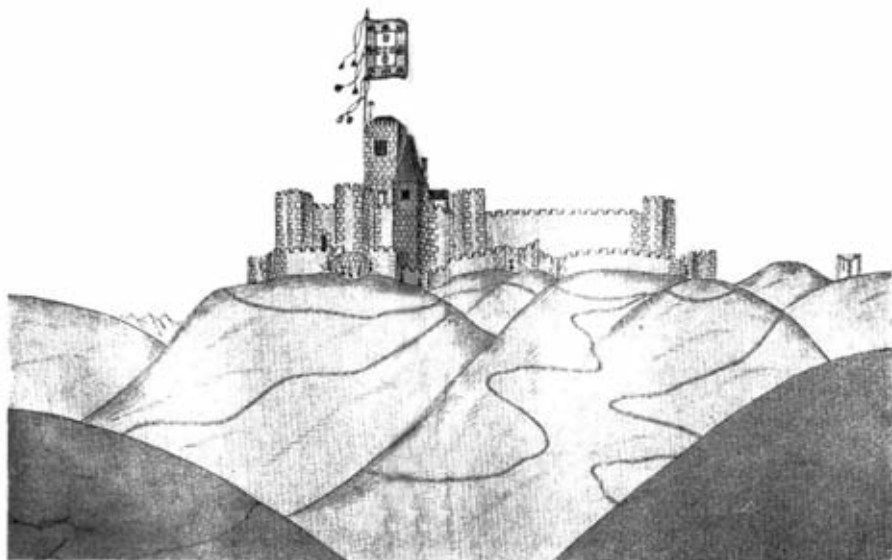
Tel./Fax 218 878 001 – Tm. 964 865 398, 961 696 915

e-mail: [luis.bb.jordao@gmail.com](mailto:luis.bb.jordao@gmail.com)

e-mail: [restauro\\_pinturadecorativa@yahoo.com](mailto:restauro_pinturadecorativa@yahoo.com)

DO “LIVRO DAS FORTALEZAS” DE DUARTE DARMAS  
edição de 1943, fac-símilada da de 1520/30)

## A FORTALEZA DE MONSARAZ



MONSARAZ — Vista tirada da banda do oeste

Está a velha vila de Monsaraz situada a três Km. do rio Guadiana, sôbre a cumeada de um altíssimo e penhascoso monte, cuja vertente sul cai em socalco e se espria depois até à margem direita do rio.

Reza a tradição que é fundação antiquíssima e, dada a natureza da sua situação, e configuração topográfica do monte em que está edificada e a riqueza dos terrenos adjacentes, poderemos concluir que ela constituía um grande oppidum à chegada dos romanos, onde se abrigavam em

caso de perigo as populações e gados dos lugares circunvizinhos. É natural que os romanos tenham aproveitado esta posição, fortificando-a segundo a sua técnica, de forma a constituir uma poderosa testa de ponte sôbre o Guadiana; assim como os bárbaros e os mouros teriam cuidado com o maior desvêlo as suas fortificações.

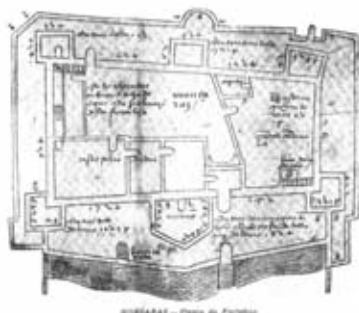
Ignora-se totalmente a história de Monsaraz durante o domínio dos invasores; sabe-se apenas que foi tomada aos mouros no ano de 1167 por D. Afonso Henriques, que a doou

aos Templários, com o encargo de restaurarem a fortaleza e proverem à sua eficiente defesa.

Mais tarde, D. Dinis mandou reedificar o forte e alterou o castelo e toda a cerca amuralhada.

Em Junho de 1385, D. João I de Castela tomou de assalto o castelo de Monsaraz, por este estar desprevenido, dotando-o com uma forte guarnição; mas logo em Agosto seguinte foi retomado pelo condestável D. Uno Álvares Pereira, que mandou fazer uma reparação completa da fortaleza.

D. Manuel mandou também restaurar o castelo e as muralhas construídas no tempo de D. Dinis, segundo se representa nos desenhos de Duarte Darmas.



MONSARAZ — Plano de Fortificação



MONSARAZ — Vista tirada da banda do leste

## O ALENTEJO

### E O CULTO CÉLTICO DAS CABEÇAS\*



cabeças. Efectivamente, muitos achados parecem indiciar ter havido um tratamento especial dado a certos crânios, tratamento esse que pode remeter-nos para práticas rituais de cariz mítico-religioso próprio do mundo celta. Segundo muitos autores, para os antigos Celtas, a cabeça possuiria atributos divinos. Como tal, talvez considerada incorruptível e autónoma do corpo, teria poderes protectores – das

Nos últimos anos, novos contributos científicos têm permitido rever conceitos e teorias. Em particular, no que diz respeito à História, com o novo paradigma da Continuidade Paleolítica, apoiado na linguística, na genética, na arqueologia, na climatologia, etc., é possível colocar-se a hipótese de serem os antigos Celtas os primeiros habitantes, em tempos paleomesolíticos, do Ocidente Europeu. Ora o Alentejo pode contar-se entre as regiões que mais claramente se harmonizam com tal hipótese.

À luz desta perspectiva, entre os vestígios arqueológicos do Sudoeste peninsular vamos salientar alguns exemplos que nos levam a supor estarem as terras alentejanas incluídas, de modo expressivo, dentro do roteiro céltico do culto das

des, do gado ou da vegetação –, divinatórios ou proféticos, de cura e de regeneração, poderes, em suma, xamânicos. A cabeça seria, assim, o centro dos poderes sobrenaturais reconhecidos no êxtase do xamã, do adivinho ou do feiticeiro, para além de ser o local onde se acreditaria estar alojada a histeria, a loucura ou os defeitos físicos mais impressionantes – mal sagrado ou mal de santo, na máxima popular de que o que é raro é maravilhoso.

Os dados arqueológicos, iconográficos, ou mitológicos sugerem, por outro lado, ter existido uma primeira fase desse culto das cabeças, interligado com o conhecimentos dos ciclos sazonais, os cultos primordiais da fertilidade, dos mortos e dos antepassados; numa segun-



da etapa, nas idades dos Metais, sobretudo do Ferro – meados do I milénio a. C. – ter-se-á evoluído para o culto das cabeças cortadas, a cabeça dos inimigos, relacionando-se, deste modo, não apenas com a sobrevivência do próprio grupo, mas também com a guerra e com os jogos de poder entre grupos distintos. Ora o Alentejo parece dispor claramente dessas duas fases.

Poderemos dizer que este culto é visível desde, pelo menos, o VII milénio a. C., passando pelas sucessivas eras pré-históricas até à romanização, época em que um crânio encontrado em Tróia (Setúbal) mostra a continuidade e a larga diacronia da prática de trepanação, uma prática com componentes reveladoras do exercício de rituais relacionados com a crença nas capacidades excepcionais atribuídas à cabeça humana. Crânios provenientes dos concheiros do Tejo e do Sado, de há mais de 8 mil anos, com sinais de trepanação (em vida, post mortem, ou as duas em simultâneo), ablação da língua ou cortes no couro cabeludo parecem ter sido objecto de rituais que se pensa próprios da cultura céltica dessa primeira fase. Para além de se verificar, em certos casos, e como se disse, a intervenção depois da morte, foram encontra-

dos, em alguns exemplares, desenhos de um minúsculo círculo raiado e outros traços a vermelho, relativamente longos, ambos interpretados como representando o Sol. Este tipo de desenho parece ser recorrente, podendo ser inserido, hipoteticamente, dentro de uma linha ritual imagética de constante evolução. Lembremos, para os tempos subsequentes – Neolítico, Calcolítico ou Bronze –, as marcas «solares» e olhos de sol que surgem em objectos votivos encontrados por todo o Alentejo, nas cerâmicas, nos cilindros oculados ou nas placas de xisto ou placas alentejanas, como lhes chamam os arqueólogos.

Do mesmo modo, os achados de pequenas raspas, esquirolas de crânios trepanados ou rodela perfuradas de ossos cranianos – que já Leite de Vasconcelos interpretava como amuletos –, poderão revelar-se uma comprovação da crença nas propriedades maravilhosas e curativas de certos crânios. Citem-se os exemplos de duas rodela encontradas por esse investigador na Lapa do Bugio (Setúbal) e um pedaço de osso parietal com marcas de orifícios, na Anta da Capela, em Avis.

Mas ainda um outro elemento nos leva a supor ter havido um culto da cabeça humana no Alentejo, ou, pelo menos, uma preocupação preferencial e selectiva quanto a ela: na





gruta do Escoural, na necrópole do Neolítico Final, há nichos aparentemente reservados para conterem os crânios de alguns dos ali inumados, provavelmente como resultado de cerimónias de trasladação. Um pouco mais tarde, no espólio do Monte da Velha, em Serpa (III milénio a. C.) – um provável santuário megalítico –, encontraram-se os fragmentos cranianos de um esqueleto claramente dissociados das restantes ossadas. Nas necrópoles de todo o Sudoeste peninsular, do período Calcolítico ao Bronze Final (cerca do IV ao II/I milénio a. C.), mantém-se este tipo de atitude – veja-se o caso da sepultura de Medarra, em Aljustrel –, a ponto de, por vezes, se depositarem os crânios numa espécie de arca, fazendo-os acompanhar por oferendas funerárias.

A acrescentar a este acervo, outro há, já pertencente à Idade do Ferro (segunda metade do século III a. C.): no santuário de Garvão, no «Cerro do Castelo», uma fossa, coberta por lajes de xisto, continha um crânio humano, separado do respectivo esqueleto e com indícios de trepanação. Todo o espólio parece implicar a existência de um eventual ritual relacionado com um sacrifício humano, próprio do culto das cabeças cortadas em contexto guerreiro, bem como do culto das cabeças inserido em rituais fundacionais e de soberania. A natureza dos objectos votivos encontrados, como a cerâmica ou as placas oculadas – na linha dos achados do Escoural, Estremoz, Vidigueira ou Évora, de épocas anteriores – e os múltiplos restos animais – a sugerir refeições e libações rituais cíclicas, como seriam

as cerimónias solsticiais –, indica-nos, assim, não só a persistência de crenças, como também a presença da segunda fase deste culto céltico.

E, para terminar esta brevíssima resenha, resta sinalizar os possíveis resquícios deste culto expressos na existência, em tempos medievais até épocas mais modernas, dos saladores, curandeiros das maleitas do gado e adivinhadores através de cabeças, bem como da veneração dos chamados «cascos de Santo», entre os quais se conta a cabeça de prata de S. Fabião, de Casével, datada talvez do século XIII. No século XVI, D. Sebastião foi encomendar-se a esta Santa Cabeça, antes de partir para Alcácer Quibir.



---

\* Pequeno resumo da parte referente ao Alentejo do artigo «Contribuições Portuguesas para o Estudo do culto das Cabeças» a publicar em finais de 2010, na revista italiana *Studi Celtici*.

## A IMPORTÂNCIA DO LIVRO OS LIVROS DE CERA

Uma vela de cera é um objecto que todos conhecemos, mas um livro de cera seria hoje uma curiosidade.

Um livro que se derretesse como manteiga seria muito mais curioso do que os de tijolo ou do que aqueles livros às tiras de certamente já ouvirmos falar. Pouca gente sabe que os livros de cera, que foram inventados pelos Romanos, ainda eram usados até ao começo do século passado, até à época da revolução francesa.

Na gravura pode ver-se o aspecto desses livros. Eram compostos de um certo numero de tabuinhas, tendo mais ou menos as dimensões de uma agenda de albeibra. Cada uma das tabuinhas era cavada ao meio para formar um espaço rectangular cheio de cera amarela ou preta.

Em dois dos cantos havia uns orifícios pelos quais passavam uns cordões que seguravam as tábuas juntas, formando um livro só. A primeira e a última tabuinha não tinham cera na superfície externa; assim, quando se fechava o livro, perigo de se apagar o que estava escrito.

Como se escrevia nestas tabuinhas.

Certamente que não era com tinta. Usavam-se bicos de aço que se chamavam estiletos e que tinham uma ponta aguda e outra arredondada. Escrevia-se ou, antes, raspava-se com a ponta aguda e apagava-se com a ponta arredondada.

É este o antepassado da borracha.

As tabuinhas de cera eram muito baratas. As pessoas serviam-se delas, como de um bloco, para tirar apontamentos, para fazer somas, recibos e mesmo para escrever cartas.

O papiro importado em Roma, Egipto antigo, era caro, e empregavam-no unicamente para fazer livros.

Ainda havia outra razão que tornava cómodas essas tabuinhas: podiam-se utilizar durante muito tempo!

Quando em Roma se escrevia uma carta numa placa de cera, recebia-se a resposta na mesma placa. Podia-se apagar indefinidamente o que estava escrito, com a ponta romba do estilete e recommençar a escrever.

- serviam-se com frequência da ponta romba do estilete – tal era o conselho que davam aos jovens escritores daquele tempo. E ainda hoje se diz de um escritor que escreve bem, que tem um bom estilo, apesar de o estilete estar fora de uso.

O facto de se poder apagar facilmente o que estava escrito na cera nem sempre era vantajoso. Acontecia, às vezes, que cartas secretas, importantes, chegavam ao destino com o conteúdo completamente apagado pelas pessoas por cujas mãos eles tinham passado durante o trajecto.

Para evitar que isso acontecesse, derretia-se sobre a carta secreta uma nova camada de cera, na qual se escreviam insignificâncias destas: Como passou? Tem passado bem? Venha jantar comigo...etc., etc.. Quando uma pessoa recebia uma carta assim, tirava com cuidado a camada superficial da cera e lia a carta verdadeira escrita na camada inferior.

Uma carta desse tempo podia ter um ou dois andares, como se fosse uma casa.

As letras do alfabeto latino que tinham sido direitas e nítidas na pedra, que se tinham arredondado no papiro, transformavam-se agora, na cera, em garatujas ilegíveis.

Só um paleógrafo poderia decifrar estas cartas romanas escritas na cera. Para nós seria impossível compreender fosse o que fosse destas curvas e destas virgulas.

Experimente o leitor fazer uma placa de cera e escrever qualquer coisa nela. Verá como é difícil traçar letras correctamente, principalmente se escrever depressa.

Só depois da invenção do lápis e do

papel barato é que nós pudemos passar sem as tabuinhas de cera. Há alguns séculos, cada aluno trazia uma pendurada no cinto.

Um grande numero de tabuinhas foi encontrado nos esgotos da igreja de

S. Tiago, em Lubeck. Encontrou-se lá igualmente uma certa quantidade de estiletos, de canivetes para rasgar o pergaminho, e de varinhas que serviam para bater nos dedos dos alunos. Porque devem saber que, nesse tempo,

batia-se nos alunos se dó nem piedade, Em vez de se dizer andei na escola, dizia-se apanhei varadas.

Num livro latino escrito há muitas centenas de anos, lê-se a conversa seguinte entre os alunos e o mestre:

Os alunos. – Nós, os rapazes, suplicamos-te, ó mestre, que nos ensines a falar latim correctamente, porque falamos muito mal e somos muito ignorantes.

O mestre: - Querem que lhes bata quando os ensino?

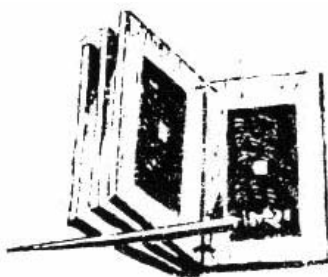
Os alunos: - Mais vale apanhar pancada do que ficar ignorante.

E a conversa continua no mesmo tom.

Imaginem um aluno desse tempo, sentado com as pernas cruzadas. A placa de cera está aberta nos joelhos. Segura-a na mão esquerda e escreve com a mão direita enquanto o mestre dita.

Não eram só os rapazes da escola que empregavam as placas de cera; os monges escreviam nelas as cerimónias eclesíásticas; os comerciantes, as suas contas; os elegantes da corte, as suas cartas de amor às lindas damas e os desafios de duelo.

Certas pessoas tinham tabuinhas de madeira vulgar, cobertas de couro exteriormente para as tornar mais sólidas, e cobertas interiormente de cera suja misturada com gordura. Outros tinham tábuas de madeira preciosa, havia mesmo algu-



*Um livro de cera*

mas de luxo com embutidos de marfim.

Em Paris, no século XII, havia até uma corporação de artistas que fabricava destas tabuinhas.

Para onde foram estes milhões de tabuinhas?

Há muito que as queimaram ou que as deitaram para o lixo, como nós fazemos aos papéis velhos. Mas quanto daríamos agora por uma destas tabuinhas escritas por Romanos que viviam há dois mil anos.

Muito poucas tabuinhas romanas chegaram até nós. A maior parte das que possuímos foram encontradas em Pompeios na casa de um banqueiro, Cecílius Jucundos. Esta cidade foi sepultada sob as cinzas com a cidade vizinha de Herculano, quando de uma erupção do Vesúvio. Não é interessante que, sem esta erupção de um vulcão, as tábuas nunca teriam chegado até nós.

Apenas possuímos vinte e quatro rolos de papiro Romano que também foram descobertos nas cinzas de Herculano. A mais terrível das catástrofes não é nada comparada com os estragos causados pelo séculos. O tempo não poupa ninguém, apaga até a recordação das acções humanas, tal como a ponta romba dos estiletos torna lisa a superfície das tabuinhas de cera.

*(in O Homem e o Livro)*

## PELOS TRILHOS DO CANTE (II)



Seguindo os passos já cansados, encontro os trilhos dos meus...

Oiço no vento das melodias que cantavas!..Rosa branca tu não vais ao meu jardim sem eu ir, teu coração não é capaz, de fazer o que o meu faz. levo as noites sem dormir...

Canta-se à mulher .

Se o cancionero alentejano fosse de pedra, as vozes dos cantadores, seriam afloramentos de xisto à superfície, sons saídos da memória, tornada tradição pelo acto de cantar e trabalhar cantando, complementando-se.

As cantigas continuam imutáveis como as pedras, recorendo a simbologias que se cruzam entre si,

O pensamento voa mais alto, os bois puxando o arado, o camponês canta na voz da sua amada:

Tu é que és o meu rapaz... quando é que lá vais... vai ao jardim das flores, se lá

fores... e não me encontrares, torna a voltar... torna a voltar... Pergunta a quem tenha amores e... a quem saiba amar!...

À mãe !!

Ó águia que vais tão alta, voando de polo em polo, leva-me ao céu onde eu tenho, a mãe que me trouxe ao colo ...ficou-me fazendo falta... voando de polo em polo, ó águia que vais tão alta...

À filha.

Oalentejano, moldado pela planície, interiorizou as diferentes culturas dos vários povos que por ali se cruzaram sobretudo o árabe.:

O galo quando canta é dia...é dia...

Maria é dia...quando canta fora da hora... é moça roubada, que se vai embora...tem cuidado com a

Gabriela...que está à janela,

Se eu tivesse asas voava! onde pensas tu que eu ia? visitava-te meu amor ... a toda a hora do dia.

# PSEUDÓNIMOS

## E AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ALENTEJANAS

Alguns leitores do Almanaque, a propósito das linhas que escrevi na anterior edição sobre as publicações periódicas alentejanas, manifestaram-me a sua admiração sobre a amplitude deste tão rico património.

Entretanto, no nº 7.156 a 27 de Abril de 2010, O Distrito de Portalegre cessou a sua publicação, ele que era, como então escrevi, o mais antigo jornal do Alentejo.

Circunstâncias várias vêm todavia mostrando que a imprensa regional, na sua diversidade, é fonte insubstituível a que se recorre com frequência, quando do passado da vida local algo se quer saber ou fundamentar. As comemorações do centenário da República são um exemplo disso mesmo.

A consulta desse património, para além dos problemas de conservação que invoquei e dos cuidados críticos na sua leitura, aconselha atenção a factores essenciais, que não apenas ajudam a compreendê-lo como a uma utilização consistente e capaz de se articular com a realidade local. Entre esses factores, com a singeleza que as dimensões do Almanaque impõem, lembro ao leitor: a censura, as tipografias, os pseudónimos.

Fiquemos-nos por ora com os pseudónimos. Muitos deles serão hoje quase impossíveis de decifrar. Por mim, aqui lhes deixo nota, daqueles que o tempo me foi levando a descobrir:

- **Francisco de Abreu** - Manuel Severim de Faria (1584 - 1655)
- **Adebar** - Adeodato Barreto (1905 - 1937)
- **Al Berto** - Alberto Raposo Pidwell Tavares (1948 - 1997)
- **João do Alentejo** - João Ruivo (1891 - 1976)
- **João Alegre** - António Lobo de Almada Negreiros (1868 - 1939)
- **Uma Alentejana** - Isaura Correia Santos (1914 - 1989)
- **Alface** - José Carlos Affacinha da Silva (1949 - 2007)
- **Aliquis** - José Francisco de Moura (1893 - 1971)
- **Luís Américo** - Joaquim Augusto da Câmara Manuel (1907 - 1951)
- **Andorinha** - Áurea Paes Falcão (1897 - ?)
- **Maria D' Arce** - Antónia Maria Pires de Lima da Fonseca (1905 - 1986)
- **Argentinita** - Arlete Argente Guerreiro (1905 - 1940)
- **Argus** - Fernando de Sousa (1855 - 1942)
- **Nizeth Ataíde** - Luísa Segurado (-)
- **Álvaro Bandeira** - Joaquim Namorado (1914 - 1986)
- **Rafael Barros** - Aníbal Queiroga (1897 - 1967)
- **Rodrigo Bastos** - Egidio Namorado (1920 - 1976)
- **Luiz Beira** - Armando Corrêa (-)
- **Edmundo Belfonte** - Pedro Guedes Real (-)
- **José Bento** - Mateus Maniês (1886 - 1951)
- **Mercedes Blasco** - Conceição Vitória Marques (1867 - 1961)
- **Breno** - José do Rosário (-)
- **Alves Campos** - Joaquim Vermelho (1927 - 2002)
- **Paulo de Campos** - Joaquim Valentim (? - 1980)
- **Denis de Castro** - Ramiro da Fonseca (1911 - 1991)
- **Frei António das Chagas** - António da Fonseca Soares (1631 - 1682)
- **João Chaparro** - José da Silva Picão (1859 - 1922)
- **Chaubet** - Carlos Patricio Álvares (-)
- **Zé Códex** - João Diogo Casaca (1890 - 1977)
- **Colette** - Cláudia de Campos (1871 - 1916)
- **Cromwell** - José do Rosário (-)
- **António Eborim** - António Cartaxo Júnior (1909 - 1979)
- **Elmar** - Fernão Perez Durão (1896 - 1973)
- **Paulo Emílio** - José Maria Frazêa
- **Joaquim d' Estremoz** - Joaquim Vermelho (1927 - 2002)

- **António Fazenda** - Cansado Gonçalves (1903 - 1994)
- **Guy Ferreira** - Mário Armando Guilherme Ferreira (1939 - 2004)
- **Mário Florival** - Manuel Eduardo da Rosa Fragosos (-)
- **José da Fonte Santa** - José Jacinto Romão Guerreiro (1925 - 1998)
- **Franciscano** - Francisco Ribeiro (-)
- **Olimpio de Freitas** - Xavier da Cunha (1840 - 1920)
- **C 3 de A. G.** - Padre José Alves Gomes (1923 - 1985)
- **Z. G.** - Ângelo Monteiro (1899 - 1972)
- **Nariade Galvão** - Maria Joana Saúde de Abreu Carvalho (1919 -)
- **André Gameiro** - António Ventura (1953 -)
- **Leillah Glanovitch** - Aurélia Borges (1915 -)
- **Jobimo** - João Bizarro de Moraes (1874 - 1964)
- **Janota & C.ª** - Luís José da Costa (1834 - 1902)
- **Ricardo Jorge** - Joaquim Vermelho (1927 - 2002)
- **Tiago José** - Diogo Salema Cordeiro (1930 -)
- **Lagoia** - Ângelo Monteiro (1899 - 1972)
- **Diana de Liz** - Maria Eugénia Haas da Costa Ramos (1892 - 1939)
- **Maria do Loreto** - Aurélia Borges (1915 -)
- **Luso** - Luiz Gomes (1884-1948)
- **Luiza** - Luísa Susana de Freitas Lomelino Grande (1875 - 1945)
- **Malazartes** - Manuel Grazina (1862 - 1950)
- **Manisio** - Manuel Dionísio (-)
- **Isabel de Malta** - Clara Correia Alves (1869 - 1948)
- **L. H. Afonso Manta** - Nuno Rebocho (1945 -)
- **Dinis Marques** - Joaquim Namorado (1914 - 1986)
- **Artur de Mello** - João Luiz de Carvalho Cordeiro (1862 - 1919)
- **Ruy de Melo** - Leopoldo Nunes (1897 - 1988)
- **Antônio de Monforte** - António Sardinha (1888 - 1925)
- **Gil do Monte** - Felício José Pássaro (1903 - 1987)
- **Alves de Moura** - Egidio Namorado (1920 - 1976)
- **Cláudio Negro** - Cap. Palma Mestre (-)
- **Nemo** - Fernando de Sousa (1855 - 1942)
- **Pedro Aguiar Nogueira** - Cansado Gonçalves (1903 - 1994)
- **Mário Seabra Novais** - Cansado Gonçalves (1903 - 1994)
- **Ollober** - Caldeira Reboló (1854 - 1926)
- **Olderfa** - Alfredo Baptista (?) (-)
- **Cristovão Pavia** - Francisco António Lahmeyer Flores Bugalho (1933 - 1968)
- **D. Pepe** - José Picão Telo (1901 - 1993)
- **Jorge Pires** - Emílio Costa (1877 - 1952)
- **Q. de S. V.** - Quirino José Catita (1906 - 2004)
- **Rabecão** - João Cândido Carvalho (1803 - 1857)
- **Rabequista** - Paulo Barata (1889 - 1965)
- **Roberto** - Fazenda Júnior (1867 - ?)
- **Maria de Santa Isabel** - Maria Palmyra Osório de Castro de Sande Menezes e Vasconcelos Alcaide (1910 - 1992)
- **Spartaco** - Felício José Pássaro (1903 - 1987)
- **Elmiro Tagideo** - José Agostinho de Macedo (1761 - 1831)
- **Bonifácio Tranca Ratos** - António Francisco Barata (1836 - 1910)
- **Rebus** - Jorge Ramos (? - 1984)
- **Ana Maria Rey** - Aurélia Borges (1915 -)
- **Luís Rui** - Joaquim Vermelho (1927 - 2002)
- **Luís de Santander** - Luís de Sá Cardoso (1889 - 1940)
- **Ricardo Saraiva** - David Ferreira (1897 - 1989)
- **Satarp** - Bernardo Pratas (- 1933)
- **Sátiro** - Joaquim Vermelho (1927 - 2002)
- **Serpentino** - Jerónimo Paiva (1877 - 1949)
- **Sidrotécnicio** - Luís Gomes (1884 - 1948)
- **Bruno da Silva** - António Francisco Barata (1836 - 1910)
- **Silvano** - M. B. Barbosa Sueiro (1894 - 1974)
- **Silvia Soares** - Jozette Maria Cardoso Silva (1914 - 1989)
- **Spartaco** - Felício José Pássaro (1903 - 1987)
- **Maria Veleda** - Maria Carolina Frederico Crispim (1871 - 1955)
- **Fernão da Vide** - Francisco Beliz (1890 - 1959)
- **Telo da Vide** - Francisco Beliz (1890 - 1959)
- **Frei Albino de Vila Viçosa** - Albino Lapa (1898 - 1968)
- **Dr. Young** - Aurélia Borges (1915 -)

A lista estará longe de ficar completa. Haverá para quem ela seja inútil, haverá para quem seja óbvia, haverá para quem seja prestável. A estes últimos leitores a entrego.

# A PROPÓSITO DA «EXPOSIÇÃO DE TAPETES DE ARRAIOLOS», EM 1917

Em 1917 o edifício do Convento do Carmo, em Lisboa, acolheu a primeira exposição de Tapetes de Arraiolos, que pretendia dar a conhecer à população portuguesa uma arte que estava, pouco a pouco, a reerguer-se, após, no século XIX, ter sido votada ao esquecimento.

Após um período de renascimento iniciado pelo crítico de arte José Queirós em 1898, os tapetes de Arraiolos estavam a conhecer uma nova fase, um pouco à semelhança do que acontecia por todo o país com o artesanato, imbuído pelo espírito nacionalista que Portugal conhecia nos inícios do século XX.

Foi pelas mãos de Sebastião Pessanha que em 1916 foi apresentada na Associação dos Arqueólogos Portugueses a proposta de se realizar a referida exposição. A ideia foi aceite e a exposição abriu portas a 8 de Março de 1917. Estavam expostos 77 exemplares de tapetes, assim como os materiais necessários à sua confecção. Coelho de Carvalho noticia a abertura da exposição, no jornal local O Povo de Arraiolos, em número especial dedicado aos tapetes, de 8 de Abril de 1917, da seguinte forma: «abriu a exposição de tapetes de Arraiolos nas velhas salas do Museu do Carmo – quási uma centena de exemplares. Entre as tapeçarias expostas, figuram magníficos tapetes antigos; e, alguns d’essa industria modernamente renascida em Arraiolos e Évora».

O visitante que se dirigisse ao Convento do Carmo poderia encontrar, expostos e para venda, para além dos tapetes, os materiais necessários à sua produção, nomeadamente as lãs e as telas. Sobre a venda de produtos era cobrada uma taxa de 10% a favor da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

O bilhete para visitar a exposição custava \$10 e às quintas-feiras \$20, por ser o dia em que as tapeteiras bordavam tapetes ao vivo no recinto da exposição. Era também neste dia em que se realizavam conferências sobre o Tapete de Arraiolos, debatendo-se a história, a técnica e o seu ressurgimento.

Esta exposição alcançou os objectivos iniciais de fazer renascer na sociedade portuguesa o desejo de possuir tapetes de Arraiolos e de alertar as entidades estatais para a necessidade de criação de uma escola técnica de tapeçaria, para que o tapete de Arraiolos não voltasse a cair no esquecimento.

Actualmente os tapetes de Arraiolos atravessam uma fase complicada, pois urge a criação de uma zona de origem demarcada, de modo a poder-se fazer face às imitações que proliferam nos mercados nacional e internacional. É certo que os contornos desta fase difícil são diferentes dos encontrados por José Queirós em 1898, porém os tapetes correm risco de desaparecer se algo não for feito. A realidade que os arraiolenses bem conhecem é que as casas que comercializam os tapetes são cada vez menos, e cada vez menos são também as mulheres que dominam as técnicas de fazer um tapete de Arraiolos. São necessárias medidas concretas para que os tapetes de Arraiolos não se transformem em resquícios do passado, e que, como em 1917, haja vontade de intervir, de preservar e salvaguardar o nosso património, que é expressão de Arraiolos, do Alentejo, e de Portugal.

*\*O autor é investigador em História do Património e publicou, no ano de 2009, a obra Contributos para a História dos Tapetes de Arraiolos.*



## VIOLA CAMPANIÇA

# APONTAMENTOS HISTÓRICOS



A viola popular portuguesa chegou até aos nossos dias sob várias formas e denominações: braguesa, ramaldeira, amarantina, toeira, de arame, da terra e, no sul do país, campaniça.

Esta viola popular descende da tradição violística hispânica que se cristalizou na viola barroca que as classes eruditas ainda cultivavam no séc. XVIII, a qual é objecto do tratado escrito em 1789 pelo português Manoel da Paixão Ribeiro, *Nova Arte de Viola*, onde é descrita como um instrumento armado com doze cordas em cinco ordens (af.- mi, si, sol, ré, lá), sendo três duplas e duas, as mais graves, triplas. As classes populares, com a sua tendência de imitar os costumes musicais da alta sociedade, vinham desde Quinhentos cultivando também o instrumento, naturalmente de construção mais simples ou rudimentar, como nos é atestado pela obra de Juan Bermudo, *Declaración de los Instrumentos Musicales*, 1555.

Como frequentemente acontece, depois de as classes cultas terem abandonado a viola barroca (o que ocorreu nos alvares do séc. XIX, em favor da viola de cordas singelas), o povo continuou por muito tempo a

tangê-la ao longo de gerações acompanhando a sua música de tradição oral e conseguindo assim, através da sua prática quotidiana, trazê-la até aos nossos dias.

O povo português chama viola ao instrumento de cordas dedilhadas, com caixa de ressonância em forma de oito, a que os restantes povos europeus chamam guitarra (esp.), guitar (ingl.), chitarra (ital.) e guitare (fr.). Arma correntemente com cinco cordas duplas, tendo já possuído doze cordas em cinco ordens, como já acima descrevemos para a viola barroca, de que era, aliás, como também dissemos, uma congénere popular. O instrumento de seis cordas singelas (af. – mi, si, sol, ré, lá, mi) é um descendente finiseteccentista daquela outra viola, vindo a ser conhecido em Portugal por viola francesa, violão (sobretudo no Norte, para se não confundir com a viola propriamente dita, de cordas duplas, que ali se conservou até aos nossos dias com enorme vitalidade), ou, simplificada, viola, sobretudo no Sul, onde a viola de cordas duplas se perdeu mais cedo.

Só de há alguns anos a esta parte é que sucedeu um estranhíssimo fenómeno, que está a alterar a nomenclatura deste instrumento de seis cordas singelas, passando a chamar-se-lhe guitarra em vez de viola, e erradicando-se assim uma designação que tinha uma consagração de quinhentos anos de história. Com efeito, alguns intérpretes da chamada música ligeira, acompanhados por jornalistas pouco conhecedores do assunto, apercebendo-se que nos círculos de música erudita portuguesa se começou, por meados do séc. XX, a chamar guitarra ao instrumento, ou então por simples estrangeirismo, começaram também a utili-

zar, não sem pretensiosismo e certa dose de saloísmo, essa designação. E passámos assim a ver, de há cerca de quinze anos a esta parte, alguns desses jornalistas e desses músicos tocadores de viola, acústica ou eléctrica, que anteriormente falavam em viola-baixo, violarritmo, viola-solo ou simplesmente viola, a utilizarem para todas essas realidades a palavra guitarra, quando, como todos sabem, este termo é reservado em Portugal a outro instrumento de mão, periforme, da família das cítaras, a guitarra portuguesa.

Voltando à viola popular portuguesa, a tal que é a correspondente popular da viola barroca e que chegou até nós com cinco cordas duplas, diremos que ela tomou, no Baixo Alentejo, o nome característico de viola campaniça, havendo notícias escritas e orais de que, no princípio do séc. XX, ainda ela se encontrava implantada por toda a província, desde o litoral até à raia de Espanha, e por algumas franjas do Algarve – v. a nossa obra *Viola Campaniça*, o Outro Alentejo. A origem do nome vem, inquestionavelmente, da sua radicação na zona do “Campo Branco”, geograficamente situada nos aros concelhios de Aljustrel, Ourique, Castro Verde e Almodôvar, que o povo designa genericamente e sem grande exactidão territorial por região campaniça.

A primeira notícia histórica que estabelece a ligação terminológica entre a viola alentejana e a região campaniça data de 1916 e é escrita por Bento de Oliveira Guedes de Carvalho Lobo, Visconde de Vila Moura, na Revista *A Águia*. O autor de “Terras do sul – cantos alentejanos” descreve, com mescla de objectividade e poesia, a Feira de Beja, os pastores, o gado, os ciganos, os cantos populares. Já para o final, fala de forma espantosamente rica e factual da viola de arame:



“Há ainda ali a viola de arame, viola campaniça como lá dizem, que ouvi à porta d’uma taberna, tangida por um cego. Não se imagina o entusiasmo da circunferência de lavradores que o ouvia e alternava – todos fixos da sua fisionomia indiferente, e quase granítica, de olhos opacos, lábios descerrando décimas, a chorar e a rir à viola a vida misteriosa de todos”.

Quando, pelos idos de 1983, 84 e 85, percorremos o Baixo Alentejo realizando a nossa primeira investigação de campo sobre a viola campaniça, localizámos alguns tocadores do instrumento, todos já de idade avançada, entre os quais cumpre destacar António Jacinto (do Monte das Figueirinhas), Manuel Bento (da Funcheira), Francisco António (de Ourique-Gare), Manuel Inácio Verónica (de Amoreiras-Gare) e António Emídio (da Aldeia de Palheiros). Hoje, encontra-se gerado um movimento de renascimento e entusiasmo em torno da viola alentejana, o que veio a causar o surgimento de jovens tocadores do instrumento, entre os quais Pedro Mestre e Carlos Loução, facto que é muito para enaltecer, atento o estado geral de desinteresse em que se encontra genericamente mergulhada a nossa música de tradição oral.



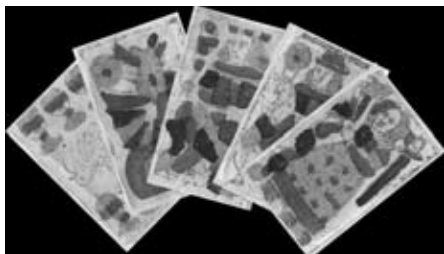
# O ALENTEJO E OS PRIMÓRDIOS DAS CARTAS DE JOGAR EM PORTUGAL \*

Data de 12 de Setembro de 1490 uma das primeiras notícias acerca de cartas de jogar em Portugal, uns cem anos antes de, por cá, se legalizar este tipo de jogo. Reporta-se, pois, ao tempo de D. João II e tem a ver com pedidos expressos, efectuados nas Cortes de Évora, para que se proibisse a entrada de cartas, por via dos vizinhos espanhóis, onde a manufactura legal estava florescente. Sabe-se que, uns anos mais tarde, já no reinado de D. Manuel, serviam de passatempo nos serões em Évora, através de um conjunto de 48 trovas, a inscrever nas próprias cartas, que o rei encomendou a Garcia de Resende para um divertimento no paço. Praticavam-se, nessa época, jogos como o trunfo, a arrenegada, a runfã, o fluxo, a primeira e a primeira da Alemanha. As cartas de corte chamavam-se rei, conde e sota; os ases eram elegantes dragões; e o dois de paus, um jovem agarrado a dois cacetes cruzados. Era a época dos baralhos nacionais; era já o baralho que, durante cerca de 400 anos ficou conhecido como baralho de tipo português e que também partiu logo à descoberta de terras longínquas, nas algibeiras dos mareantes.

Diz-nos Gil Vicente, no Auto da Feira:

*Às vezes vendo virotos,  
e trago d'Andaluzia  
naipes com que os sacerdotes  
arreneguem cada dia,  
e joguém té os pelotes.*

Segundo consta, por uma carta de perdão do reinado de D. Sebastião dada em 18 de



Cartas de um baralho datado de 1693-1699 – o mais antigo existente entre nós – do colecionador António Ribeiro (Tony Klauf).

Outubro de 1559, quem primeiro as terá impresso terá sido André de Burgos, impressor do cardeal D. Henrique, que se instalou em Évora a trabalhar naquela cidade, proveniente de Sevilha. Castigado com degredo, por ser proibido fazer cartas em Portugal, ao fim de dois meses pediu e conseguiu o perdão do castigo que lhe fora infligido «por se dizer que ensinava a fazer cartas de jogar». Uma outra primazia alentejana é a da tábua de altar da igreja de N<sup>a</sup> S<sup>o</sup> do Carmo, em Évora, pintada provavelmente no penúltimo decénio do séc. XVII, onde se podem ver várias cartas de jogar. Até ao momento, considero-a a mais antiga imagem do nosso baralho, existente em Portugal. Pelo mundo fora, nos muitos museus da especialidade e nas mãos de muitos colecionadores, estarão sem dúvida cartas muito mais antigas. Fernanda Frazão

\* A propósito da recente publicação, pela autora, da História das Cartas de Jogar em Portugal e da Real Fábrica de Cartas de Lisboa (do Século XV até à Actualidade).

# OLIVENÇA D'ALÉM GUADIANA



O domínio exercido por Espanha sobre Olivença é exemplo gritante dos equívocos existentes nas relações Portugal /Espanha e nas dificuldades dos nossos dirigentes em defende-

rem os interesses nacionais.

Para quem desconheça, lembramos que Olivença é terra entranhadamente portuguesa desde sempre, situação consagrada no Tratado de Alcanizes, sendo participante maior na formação e consolidação do Reino, no florescimento da cultura nacional, nas glórias e misérias dos Descobrimentos, na tragédia de Alcácer-Quibir, na Restauração de 1640!...

A Questão de Olivença nasceu há dois séculos quando Espanha, concertada com a França, invadiu o nosso país em 20 de Maio de 1801, tomando Olivença e quase todo o Norte-Alentejano, na chamada «Guerra das Laranjas».

Vencido, Portugal assinou em 6 de Junho o Tratado de Badajoz pelo qual entregou Olivença,

Findas as guerras napoleónicas, as potências europeias, reunidas no Congresso de Viena em 1815, retiraram a força jurídica do Tratado de Badajoz e consagraram a ilegitimidade da ocupação espanhola, reconhecendo todos os direitos de Portugal. Assim, o Tratado de Viena, aprovado em 9 de Junho, afirmou no art.º 105.º «a justiça das reclamações formuladas por Portugal sobre a vila de Olivença cedidos a Espanha pelo Tratado de Badajoz de 1801» e impôs «a restituição da mesma

como uma das medidas apropriadas a assegurar entre os dois reinos da península a boa harmonia completa e estável», comprometendo-se todos os países signatários a desenvolver os seus mais eficazes esforços para que a retrocessão de Olivença se efectivasse «o mais cedo possível»...

Espanha assinou o tratado em 7 de Maio de 1817 e reconheceu os direitos de Portugal. Todavia, não demonstrando o carácter honrado, ativo e nobre que diz ser seu, violou despudoradamente o compromisso assumido e o direito internacional, retendo para si, do modo mais ilícito, a velha Olivença portuguesa.

Entretanto, ali, ao longo de dois séculos de declarada, persistente e insidiosa aculturação castelhanizante, tudo o que estrutura e identifica a comunidade, a sua História, cultura, tradições, língua, permaneceu vivo e pleno de portugalidade.

O Estado português, sem nunca aceitar nem reconhecer o esbulho, mas não fazendo o que pode e deve (repudiar a situação ultrajante de Olivença e exigir a sua retrocessão) permitiu que se criasse a ideia que a sua posição fosse de fraqueza, retraimento e conformismo com o status quo.

Singelamente, a «Questão de Olivença traduz-se no facto de território português se encontrar ocupado por Espanha, extorsão não reconhecida por Portugal e ilegítima face ao Direito das Nações.

Até quando?



A rua de Joramento, em Olivença, o histórico vila que se encontra ativa há quase 150 anos. Repare-se no (15)5 caracteristicamente alentejano

## EM DEFESA DAS CULTURAS REGIONAIS, DO REGIONALISMO E DA REGIONALIZAÇÃO, HOJE E SEMPRE...

Subtil e paulatinamente, ano após ano, com especial incidência nos últimos tempos, a consciência de que aquela tão falada coisa do amor à terra em que nascemos, por isso mesmo, banalizou-se de tal maneira que passou a ser mais uma simples treta.

A incontrollável, dura e cilindradora globalização, que permite, ainda mais facilmente, a evolução corrosiva de todas estas acalhausadas / insensíveis / permissivas equipas de serventuários, especialmente treinados para o efeito, que nos vendem tudo o que as grandes centrais de manipulação de massas lhes encomendam, para satisfação do intangível mercado, estejamos nós onde estivermos, tornando-nos a todos e a cada um uma espécie de papagaios monocórdios e de plumagem de cor única.

Tenho dado comigo, que procuro estar atento e que me esforço desalmadamente por resistir a esta avalanche de perniciosas influencias, no Alentejo, no Minho, nas Beiras, etc., a ouvir as mesmas conversas com os mesmos argumentos no mesmo tom e com os mesmos contraditórios, chegando à conclusão de que já nem necessitam de grandes esforços ou ensaios.

Já, quase, não existem diferenças na maneira de ser nem na postura nem no sotaque das gentes, de região para região, nesta nossa sempre tão multifacetada nesga de terra.

Mesmo que utopicamente, ainda penso que aos agentes culturais de cada

uma das regiões, a todos eles sem excepção, se impõe um trabalho enorme, urgente, organizado e cuidadoso na defesa da cultura da sua zona territorial e, por concomitância, do seu país, ao qual não devemos consentir que se esquivem.

Sem paneleirices nem esquecendo os desabafos/conversas anteriores, aqui fica mais um lembrete/desafio...

Ah!... já agora, eu, pela parte que me toca, que nunca fui pássaro de gaiola ou de poleiro nem colorido peixe de aquário, com as minhas fracas forças e possibilidades, continuarei a defender as culturas regionais, o regionalismo e a regionalização, tal como sempre fiz.



De repente lembrei-me, e por isso, em jeito de nota de rodapé aqui fica a pergunta: O que terá acontecido ao fórum de debate chamado de **Conselho Nacional das Casas Regionais, em Lisboa** ?...

# CLIMA DE GUERRA OU A GUERRA DO CLIMA



**Uma sucessão crescente de catástrofes “naturais”.**

2010, foi mais um ano de catástrofes ambientais suspeitas. Por todo o mundo se bateram recordes de inundações, sismos, fogos, secas, mortos, feridos e desalojados

Se estes acontecimentos foram surpreendentes pela sua quantidade e amplitude, eles inscrevem-se porém numa série incomum de fenómenos geo-climáticos semelhantes, que se foram multiplicando ao longo dos últimos anos, um pouco por todo o mundo, a uma cadência e com uma magnitude crescente de ano para ano.

Especialistas, técnicos ou simples cidadãos, interrogam-se sobre as razões destes acontecimentos. Serão consequências das tão propagandeadas e pouco debatidas alterações climáticas? Serão fruto da negligência e da ganância sem limites? Ou será ainda algo mais grave?

O ano de 2010 veio, de certo modo, dar resposta a muitas destas interrogações; veio reforçar as opiniões anteriores de muitos especialistas acerca da responsabilidade humana na maioria das catástrofes ditas naturais; veio revelar facetas da intervenção humana até agora pouco conhecidas; veio confirmar que muitos desses desastres até proporcionam lucros fabulosos; veio levantar a suspeita de que por esse motivo, e de acordo com a lógica do mercado, alguns possam ter sido provocados propositadamente para obtenção de lucro; e veio finalmente revelar que esse procedimento já estava a ser levado às últimas consequências com um objectivo mais vasto e perverso: a sua utilização como arma de guerra.

**As cheias na Madeira: um exemplo de “catástrofe natural”.**

O caso mais grave ocorrido em território português deu-se no início do ano na Ilha da

Madeira. Uma conjugação pouco habitual de chuvas intensas num curto intervalo de tempo, provocou o transbordo das águas das ribeiras e o arrastamento de toda a espécie de detritos, não só os naturais - rochas, lama, árvores, etc, mas também, e principalmente, os construídos - estradas, pontes, casas, veículos, para além de animais e pessoas. Segundo os últimos balanços terá havido pelo menos 42 mortos e vários milhões de euros de prejuízos. Ainda de acordo com algumas informações, os prejuízos materiais e humanos serão muito superiores a anteriores situações semelhantes.

Situada em pleno Atlântico, a ilha da Madeira é uma das duas únicas regiões autónomas de Portugal. Vive essencialmente do turismo e do dinheiro dos contribuintes do Continente. É um paraíso fiscal. A sua orografia mostra um pico e encostas íngremes em todos os quadrantes, pelas quais descem inúmeros cursos de água: as ribeiras. A sobreocupação destas encostas com construções é um facto conhecido.

Corre na internet um pequeno documentário apresentado há 2 anos na TV, em que vários técnicos alertavam para o perigo das construções que continuavam a erguer-se na ilha em leitos de cheia, em clara violação da lei. Bastaram dois anos para confirmar a justeza desses avisos.



Porém, para os dois responsáveis máximos por estes assuntos na Madeira - o

Presidente do Governo Regional e o Presidente da Câmara do Funchal - estes alertas não passavam de calúnias de “alguns irresponsáveis”. Na sua perspectiva tudo estaria em ordem. Tudo estaria nos lugares certos. À exceção da natureza.

A Comunicação Social corporativa, como é sua missão, rapidamente se apressou a dar cobertura a esta versão apresentando a situação como uma “catástrofe natural”. Para ela solicitavam a habitual onda de solidariedade em part time, vulgo caridade, afastando assim, subliminarmente, qualquer responsabilidade humana no assunto.

O planeamento do território, a prevenção, bem como o seu cumprimento rigoroso, não fazem parte do ideário do capitalismo, seja ele aplicado por socialistas, democratas-cristãos ou social-democratas, como é o caso. Sem planos urbanísticos a especulação imobiliária avança melhor. E com ela aumentam a incúria e o desleixo, multiplicam-se os erros. Se algo correr mal, como agora, serão assacadas responsabilidades à natureza. Para o capital o desastre até tem vantagens: fazer reverter a reconstrução não como prejuízo, mas como lucro para a economia (de alguns). Ao contrário do aforismo popular, a sua máxima parece ser “mais vale remediar do que prevenir”.

### **O furo do Golfo do México: a ambição para além da razão.**

O acontecimento mais marcante do ano no mundo, em termos de desastre provocado pelo homem, será provavelmente a fuga de crude do furo petrolífero no golfo do México, ao largo dos E.U.A., da responsabilidade da empresa petrolífera BP. Depois do tufão Katrina, na mesma zona (quicá fruto também de experiências mal sucedidas), esta catástrofe ameaça pôr em causa a vida naquela parte do globo e poderá alastrar-se para além dela de forma descontrolada.

A autorização para a exploração foi especialmente dada por Obama por se tratar de

uma zona de captação profunda onde não havia qualquer experiência anterior, nem esquemas de segurança adequados. Embora as autoridades norte-americanas tivessem sido alertadas para isso não deram muita importância ao caso. Após algum tempo de exploração a plataforma explodiu e a fuga de crude para o mar entrou em descontrolo total.

As várias tentativas de estancar o derrame não produziram qualquer resultado. O que ficou demonstrado foi que, com uma tecnologia totalmente virada para a guerra, quer norte-americanos quer ingleses, pouco ou nada sabiam sobre a forma de curar uma ferida daquele tipo. A tão badalada superioridade técnica anglo-saxónica ficou bastante abalada. Não obstante, com a arrogância que lhes é própria, prosseguiram galhardamente, exibindo a sua ignorância e leviandade. Alguns chegaram ao extremo ridículo de acusar outros países de um hipotético ataque aos E.U.A..



Manchas de petróleo no Golfo do México, as chamadas “panquecas”.

O escândalo tomou tais dimensões que, na tentativa de esconder esta incapacidade e a gravidade da situação, os jornalistas foram proibidos de informar sobre o assunto e aplicadas pesadas multas a quem quer que se aproximasse do local. Enquanto as imagens autorizadas oficialmente, repetidas à exaustão nas televisões de todo o mundo mostravam uma aparente pequena fuga, as poucas notícias que se conseguiam obter, não oficialmente, iam revelando que a situação se agravava de dia para dia e a solução para estancar o derrame estava cada

vez mais longe. Especialistas chegaram a afirmar que se estaria não apenas perante um simples acidente de percurso, embora difícil de resolver, mas face ao maior acidente ecológico jamais ocorrido no país, senão mesmo o mais grave de sempre em todo o mundo. Se a principio se falava numa fuga diária equivalente a cerca de um navio tanque ( o que já seria dramático), mais tarde esse número passava a quatro.

Após a anunciada solução final ter mais uma vez redundado em fracasso, em Julho, alguns especialistas afirmaram que, longe de se tratar de um simples furo, a verdade era que o crude jorrava descontroladamente por uma ou várias fendas que avaliavam ser já do tamanho do Himalaia. Por baixo estaria uma toalha de proporções gigantescas, cujo esgotamento não estava à vista. Esses técnicos previam que, a manter-se esse ritmo de fuga, o que seria bastante provável, ela iria durar anos e a mancha inundaria todas as costas do golfo, passando depois para o Atlântico arrastada pela Corrente do Golfo. Prognosticavam ainda que, se isso acontecesse, o mais provável seria a eliminação irreversível de toda a vida no Atlântico Norte. Chegada às costas ocidentais da Europa, estas tenderiam a gelar. A Inglaterra seria a primeira vítima.

Nunca mais houve notícias excepto a de que o problema estava solucionado. Mas a suspeita de que os acontecimentos ultrapassaram as capacidades humanas adensa-se. Hoje um silêncio sepulcral como os que precedem a revelação das más notícias alastra como a própria mancha de crude. Organizações ambientalistas, tão lests em outras ocasiões, estão mudas e quedas, segundo se diz, para não afrontarem o gigante BP.

Nada parece fazer parar a ambição desmedida do capital na rapina incontrolada deste esgotado planeta. Desde o ar e a água à exploração mineira e petrolífera, vale tudo. Esta ganância desenfreada conta com a cumplicidade de muitos governos ditos democráticos.

O número de derrocadas em explorações mineiras seja na China, seja no Chile, ou nas inúmeras plataformas petrolíferas, já para não falar nos desastres ocultos que diariamente ocorrem nas mais diversas obras por todo o planeta, mostra bem esse desprezo do capital pelas condições de trabalho a que são sujeitos os trabalhadores.

No Golfo do México como em tantas ocasiões ao longo da história, mais uma vez a ambição se sobrepôs à razão.

### **HAARP: uma nova arma de destruição maciça?**

Mas quando julgávamos que já tudo tinha sido dito e as incriminações eram mais que suficientes para levar o capital ao banco dos réus, eis que surgem revelações sobre prováveis novas causas de alterações climáticas. Desde há alguns anos que havia suspeitas sobre o desenvolvimento pelos E.U.A. e provavelmente outros países, de um novo dispositivo técnico de ionização da atmosfera, denominado HAARP, que provocaria fenómenos geo-climáticos, como sismos, furacões, tsunamis, etc., com a aparência de terem origem natural.

Segundo um alto quadro da marinha russa, esse dispositivo seria uma nova arma que estaria em desenvolvimento tendo em vista uma guerra climática global. Ela permitiria lançar o caos no país a atacar, enfraquecer as defesas e facilitar a subsequente invasão. As últimas catástrofes, em várias partes do globo, seriam já consequência de experiências nesse sentido. Um programa do canal televisivo Canal História apresentado em Julho deste ano, afirma mesmo que tal dispositivo teria já terminado a fase de experimentação e estaria pronto a ser utilizado por todo o mundo. As instalações seriam localizadas em pelo menos cinco locais, sendo dois em território dos E.U.A., um numa base norte-americana na América Central, outro algures na Europa e um último na Ásia.

Foi o sismo do Haiti que despoletou a ques-

tão da HAARP com mais acuidade. Deu nas vistas o aparato militar norte-americano que nas vésperas do sismo cercava o território. As tropas, logo após este suceder apressaram-se a desembarcar. Não para levarem ajuda humanitária, mas para garantirem a segurança! No próprio momento do sismo os comandantes militares já se encontravam na embaixada norte-americana, por sinal um edifício de construção anti-sísmica. Daí á suspeitar-se que o sismo tenha sido provocado foi um pequeno passo.

Revela o analista francês Thierry Meyssan que as experiências com a nova arma climática teriam tido início nos finais da 2ª guerra mundial, levadas a cabo por técnicos neo-zelandeses. Objectivo: provocar tsunamis contra os japoneses. Prosseguidas por australianos foram depois desenvolvidas pelos norte-americanos que lhe atribuíram um grau de importância equivalente ao da bomba atómica. Durante a guerra do Vietname a nova tecnologia era usada com eficácia do ponto de vista técnico/climático, mas com pouco êxito militar. A partir de 1975 os soviéticos tinham desenvolvido um programa pacífico com o objectivo de provocar pequenos sismos de molde a “esvaziar” os grandes sismos da sua energia e evitar maiores catástrofes. Após a derrota da URSS, Boris Yeltsin vendeu os técnicos e os laboratórios soviéticos aos militares norte-americanos e que os integraram no programa HAARP.

Alguns usos possíveis da nova arma teriam sido na Argélia e na Turquia, mas o caso mais discutido é o do sismo de Sichuan na China em 12 de Maio de 2008.

Nada disto surpreende. Considerando os antecedentes históricos e a ambição de domínio planetário larga e claramente expressa pelos E.U.A. e seus aliados, não admira que todos os meios sirvam esses fins.

Como é obvio porém, nada disto nos poderá fazer esquecer que o urânio empobrecido continua a ser derramado sobre iraquianos, afegãos e palestinianos, provocando milhares de mortes imediatas e doenças

genéticas por gerações, e que no Vietname, trinta e cinco anos depois da guerra, o Agente Laranja despejado sobre os seus habitantes ainda hoje continua a matar.

## *Conclusão*

Voltamos à questão inicial. Não há catástrofes naturais. Existem sim fenómenos naturais que a acção do homem transforma em catástrofes. A maioria delas por necessidade ou negligência de muitos e quase todas por ambição de alguns, aproveitando-se, como os abutres, das circunstâncias e da desgraça alheia. Para estes tal parece já não chegar. Se as catástrofes dão lucro porque não ampliar o mercado, provocando-as? E já agora - autêntico dois em um – que tal utilizar esse conhecimento para fazer a guerra? Aí temos mais uma vez a inteligência humana ao serviço da perversidade e da insanidade. Não para salvar as pessoas das catástrofes, mas para submeter ainda mais aquelas que sobram vivas.

Como sempre, por trás de tudo isto, o suspeito do costume, a plutocracia, o governo dos ricos, um relativamente reduzido grupo de fanáticos que se instituiu a si próprio como guardião da civilização em todo o mundo, e se julga imune á barbárie que provoca. Como já é, infelizmente, habitual, os E.U.A. e o seu satélite Israel, ansiosos por experimentar as novas maravilhas de destruição maciça que engendram em tempo de defeso, proclamam irresponsavelmente uma guerra santa como salvação da humanidade, que bem poderá ser a última. Como se, após terem aberto a Caixa de Pandora pudessem escapar à maldição dos Deuses, numa qualquer Arca de Noé espacial.

Até quando o mundo o irá permitir?



# AVIFAUNA

---

## O MILHAFRE

A crescente relevância dos temas ambientais e uma maior consciencialização no sentido da defesa do nosso património natural justificam a continuação desta página no Almanaque Alentejano. Dedicamos neste número algumas notas a uma ave de rapina relativamente comum, o milhafre, também designado por milhano, e cujas duas espécies principais (o milhafre-preto e o milhafre-real) aqui sinteticamente descrevemos.



1. O milhafre-preto (*milvus migrans*)

Com um comprimento de 50-60 cms, uma envergadura entre os 135-160 cms e perto de 1 kg de peso, tem uma vasta distribuição geográfica, sendo comum no sul e centro da Europa. Em Portugal distribui-se por grande parte

do País, com maior abundância no Baixo-Mondego (Coimbra), Beiras e Alentejo, sendo que neste último pode ser mais facilmente observado na sua metade interior e junto às principais barragens.

Caracteriza-se pela sua plumagem castanho escuro (a contra-luz parece negro), com cauda longa e bifurcada, e um bico recurvado, em forma de gancho. As fêmeas são, na generalidade, um pouco maiores do que os machos.

Frequenta diversos tipos de habitats - florestas, vales e terrenos baixos, escarpas rochosas - preferindo a proximidade de terras alagadas (rios, lagos, albufeiras), onde apanha peixe. Adaptado à presença humana, aparece também nas cidades, caçando pombos e ratos e procurando alimento nas lixeiras. Consome principalmente pequenas presas (mamíferos, anfíbios, aves terrestres, peixes, répteis, insectos, etc), tal como a carne putrefacta de cadáveres de animais a descoberto, sendo frequentador habitual de aterros sanitários. Varia, contudo, a sua alimentação de acordo com a localização geográfica e a época do ano.

Nas regiões quentes esta ave é residente, contrariamente ao que acontece nas regiões temperadas onde é migrador. As populações europeias invernam em África, a sul do Sara, onde permanecem até Março. Após a chegada iniciam a época de reprodução e as posturas - 2 ou 3 ovos, de cor creme com manchas castanhas - têm lugar, em regra, nos finais de Abril. A incubação dos ovos dura cerca de um mês, período durante o qual a fêmea permanece no ninho, sendo



abastecida de alimentos pelo macho. Ambos cuidam das crias, que atingem a autonomia por volta das 6 a 8 semanas.

Nidifica geralmente em árvores de grande porte (pinhais, montados, matas) construindo os ninhos com ramos e forrando o seu interior com detritos diversos - trapos, plásticos, papéis.

O milhafre-preto é monogâmico, mantendo o mesmo par durante vários anos. Segundo as observações e estudos mais recentes, a população nidificante ultrapassará em Portugal o milhar de casais, sendo o seu estatuto de conservação classificado de 'pouco preocupante', o mesmo acontecendo a nível global. Não se encontra, pois, em risco de extinção, recaindo todavia sobre ele diversos tipos de ameaças, que importa combater e atenuar - o abate ilegal, a utilização de pesticidas e outros produtos químicos, a diminuição da disponibilidade alimentar em função das crescentes restrições higieno-sanitárias que obrigam à recolha ou destruição dos cadáveres provenientes das explorações pecuárias, o envenenamento ilegal de iscos e carcaças para controlo dos predadores de caça e gado, a colisão com linhas de transporte de energia, a pilhagem dos ninhos, etc.

Tais ameaças deverão, pois, ser minimizadas, o que deve passar pela sensibilização da população e por um forte empenhamento na educação ambiental das novas gerações, tal como pela adopção de medidas legais adequadas - regulamentação do uso de pesticidas, erradicação do uso de venenos, aumento das sanções à perseguição e abate ilegais, implementação de medidas de protecção no tocante à instalação de traçados eléc-

tricos e parques eólicos, etc. Tratando-se de uma ave protegida, merece certamente toda a atenção, para que continuemos a usufruir o privilégio da sua companhia, a planar, por exemplo, ao longo das nossas estradas.



## 2. *O Milhafre-real (milvus milvus)*

Um pouco maior do que o milhafre-preto, distingue-se deste pelos tons castanho arruivados da sua plumagem, pela cabeça clara e por uma cauda muito mais bifurcada e de cor avermelhada. Na parte inferior das asas, compridas e largas, exhibe duas manchas de penas muito claras, lembrando 'janelas'.

O chamamento é um assobio fino, elevando-se e caindo. Especialista em pairar e planar, parece muito leve, mantendo as asas ligeiramente arqueadas, virando e revirando a cauda continuamente.

A sua alimentação é semelhante à do milhafre-preto, tal como o processo de reprodução, em que apenas os ovos são diferentes na cor, pois são brancos com pintas vermelhas.

A área de distribuição do milhafre-real compreende a Europa, Ásia Ocidental e Norte de África. Na Europa é sedentário a sul e migrador no norte e centro, invernando ao longo da orla mediterrânica. A maioria das populações que invernam na Península Ibérica provém da Europa Central.

Está presente sobretudo em regiões de relevo pouco acentuado - planaltos, planícies, baixa montanha - procurando alimento em terrenos abertos (áreas de cultivo e caça) através de voos de baixa altitude. Essa procura estende-se, a exemplo do milhafre-preto, às proximidades de povoações, estradas, explorações agro-pecuárias e ainda às lixeiras.

O seu estatuto de conservação, a nível global, está classificado de 'pouco preocupante', mas em Portugal (onde existirão menos de cem casais nidificantes) o efectivo residente decresceu consideravelmente, sendo hoje considerado 'criticamente em perigo'. Pode ser visto no interior norte, em especial na zona do Douro internacional, e nas regiões fron-

teiriças das Beiras e Alentejo. Durante o inverno, com o reforço dos migradores, torna-se relativamente frequente no interior sul.

Tal como o milhafre-preto, os indivíduos não reprodutores ou fora da época de reprodução, juntam-se em bando, ocupando dormitórios localizados em árvores.

As ameaças com que se confronta são as comuns à generalidade das aves de rapina -destacamos o abate a tiro, com armas de caça, que será a sua principal causa de mortalidade no nosso País. Esta situação indicia, uma vez mais, a necessidade de uma persistente sensibilização das populações a este tipo de questões, tendo em vista a protecção das espécies e o equilíbrio ambiental futuro.

A terminar, e como curiosidade, uma referência à utilização dos milhafres na falcoaria -modalidade ancestral de caça, com aves de presa - de grandes tradições em Portugal. Que melhor exemplo se pode apontar, de interacção entre o homem e as aves de rapina, de estabelecimento de confiança mútua , para que estas passem a ser olhadas de outro modo, sem a desconfiança que sobre elas ainda hoje persiste?



**Rua 2, Casal do Miranda - Estrada da Paiã - 1675 Pontinha**  
**Telefs.: 21 478 24 20 - 21 478 05 66 Fax: 21 478 24 27**

## AGRICULTURA ALENTEJANA QUE FUTURO?



Existe uma crise endémica aguda no modelo de agricultura alentejana - extensivo e de sequeiro – há décadas praticado no Alentejo, cujo modelo de organização, exploração e gestão estão completamente ultrapassados, sem futuro e muito dependente de diversos factores, tais como: elevados custos de exploração directos e indirectos, falta de valor acrescentado, pouca produtividade, dependência do clima e dos subsídios, pouca diversificação da produção, e principalmente falta de criatividade e de inovação na exploração de novos modelos de exploração da terra e de novas culturas, que possam gerar sustentabilidade futura para os empresários agrícolas, e para o Alentejo.

Os subsídios atribuídos à agricultura e ao mundo rural desde os anos oitenta, não foram entendidos pela grande parte dos agricultores como ajudas estruturantes para a criação de infra-estruturas e reformulação do modelo da agricultura. Os apoios em subsídios, à produção de cereais, produção de ovinos e bovinos e equipamentos agrícolas foram por muitos agricultores utilizados incorrectamente, por vezes vieram contribuir para o aumento do seu endividamento e para o desequilíbrio financeiro das suas actividades, em muitas situações para a

inviabilidade das suas explorações. Com a sua redução dos subsídios, de ano para ano assistimos ao agudizar da agricultura alentejana, em todo o Alentejo, mas principalmente no Baixo Alentejo, apesar de neste província alentejana termos terras de excelente qualidade e muito produtivas - caso das terras de barro de todo o perímetro de Beja, e regadio em alguns concelhos limítrofes - e outras terras mais pobres, caso de toda a zona do campo branco, onde o modelo de produção terá de ser diferente comparativamente às anteriores. A produção vem caindo de ano para ano, sem que se vislumbrem alternativas ao modelo agrícola desde há décadas existente no Alentejo, ou seja desde o Estado Novo, quando a mão-de-obra disponível era abundante, barata e á jorna, sem restrições de exigências salariais ou sociais, e o escoamento da produção estava assegurada, outros tempos, quando as grandes casas agrícolas proliferavam em todo o Alentejo. Com a emigração de parte da mão-de-obra nos anos sessenta, houve a necessidade de alguma mecanização na agricultura, tendo-se assistido a algum desenvolvimento, pela introdução e alteração dos meios de produção, que geraram um aumento da produtividade, mas o modelo agrícola pouco evoluiu, continuando assente no modelo extensivo e de sequeiro, onde o escoamento da produção continuava assegurado.

Com o 25 de Abril, e as alterações das condições salariais até então praticadas, a obrigatoriedade de suportarem encargos sociais com os trabalhadores agrícolas, aumentando os custos de produção, e posteriormente a chegada da

chamada reforma da Política Agrícola Comum, quando a agricultura alentejana deixou de ter assegurada a produção a preços rentáveis, e passou a ter de se confrontar com os preços de mercado, e com a diminuição dos apoios europeus ao nível dos subsídios atribuídos nos primeiros anos, as dificuldades começaram a aparecer, muitas das explorações reduziram a sua actividade, outras deixaram de produzir. Tendo também contribuído para isso, os incentivos dados pela PAC – Política Agrícola Comum para o abandono de determinado tipo de actividades, também a idade avançada dos agricultores, sem que simultaneamente fossem criadas políticas para atrair as gerações mais novas, para que estivessem motivadas e culturalmente preparadas para agricultura, e para as reformas estruturantes que eram necessárias fazer.

As dificuldades da agricultura alentejana são muitas, mas acima de tudo sente-se a sua falta de competitividade e de preparação no mercado nacional e global, e os efeitos dos preços praticados pelos que comercializam os produtos agrícolas. Das grandes casas agrícolas do distrito de Beja são muito poucas aquelas que actualmente existem, cujos factores explicativos são diversos, mas a que não será alheia a falta de capacidade de gestão e de inovação nas suas diversas vertentes.

Torna-se por isso indispensável criar condições para que venham para a agricultura alentejana empreendedores, para isso os cursos da Escola Superior Agrária de Beja, e outras escolas agrícolas devem adaptar e melhorar os seus cursos e curriculum às reais necessidades da agricultura alentejana, devem fazer parte dos cursos estágios e períodos de trabalho

prático na agricultura, de preferência em empresas de média dimensão que sirvam de escola, onde exista a oportunidade de trabalhar na organização, preparação e gestão das suas actividades económicas, e também financeiras, já que sem a experiência prática e a preparação adequada dificilmente se formam agricultores para enfrentar o presente, criar novos modelos e novas culturas tão necessárias para a agricultura alentejana. O estudo das culturas, das terras, a influência do clima devem ser estudadas em conjunto com entidades empresariais com experiência em Portugal e no estrangeiro, para daí se tirarem conclusões sobre que tipo de culturas devem ser produzidas, em que condições, em que meses do ano, Outono/Inverno, Primavera ou Verão, que tipo de produção intensiva ou diversificada, quais os mercados para escoar a produção, quais os meios e equipamentos necessários para trabalhar, quais os investimentos a fazer e os recursos financeiros para os financiar?

Quais as fontes de informação disponíveis, ou os prestadores de serviços que podem colaborar para o estudo e montagem da nossa actividade empresarial agrícola? Esta recolha de informação é indispensável para que possa ser analisada e trabalhada.

As fontes de informação são importantes e de aproveitar, neste caso no regadio.

### **Inventário dos Pequenos Regadios Individuais do Alentejo - PRIA**

Para ajudar à implantação de um serviço de assistência técnica ao regante torna-se necessária a criação de uma série de ferramentas que permitam, atra-

vés da Internet, ter acesso a um conjunto de informação (meteorológica, solos, culturas, etc.) e de metodologias que permitam a tomada de decisões em tempo real em locais remotos.

Um dos processos de integrar e relacionar toda esta informação e ajudar a tomar decisões, consiste em lançar mão dos sistemas de informação geográfica – SIG -, já que são ferramentas bastante poderosas que permitem, de uma forma sistemática, organizar, actualizar e explorar um conjunto vasto de informação.

Com este objectivo foi criado uma ferramenta SIG para a caracterização dos Pequenos Regadios.

Indivíduos do Alentejo – PRIA - através do qual se pretende, entre outras coisas, conhecer a área efectivamente regada no Baixo Alentejo e Alentejo Central, bem como a sua localização, tipo de parcelas envolvidas, fontes de água, método de rega e culturas afectas a parcelas, áreas regadas a montante dos actuais perímetros de rega e áreas regadas actualmente nos futuros blocos de rega do Alqueva, de forma a que seja possível, em tempo real, conhecer a área regada por cada método e abastecida a partir de uma determinada fonte de água e, simultaneamente, conhecer, a partir das disponibilidades de água, das culturas instaladas e métodos de rega implantados por parcela, ajuizar do tipo de regadio existente face às disponibilidades e necessidades de água.

## 1 - Introdução

Os objectivos desta ferramenta consistem em, nesta primeira fase, criar uma ferramenta de planeamento que permita conhecer a área efectivamente regada com os pequenos regadios individuais, a sua

localização, tipo de parcelas envolvidas, fontes de água, método de rega e culturas afectas a parcelas, de forma a que seja possível, em tempo real, conhecer a área regada por cada método e abastecida a partir de uma determinada fonte de água.

Simultaneamente, conhecer, a partir das disponibilidades de água, das culturas instaladas e métodos de rega implantados por parcela, ajuizar do tipo de regadio existente face às disponibilidades e necessidades de água.

Este conhecimento poderá ajudar o planeador, entre outras coisas, a reprogramar as infra-estruturas colectivas de rega tendo em vista a colmatação das carências de água, por exemplo a nível de uma região mais vasta que a parcela.

Este projecto foi financiado pelo programa INTERREG IIIA (1) e (2)

## 2 – Metodologia utilizada

### 2.1 – Caracterização das zonas abrangidas pelo inventário

A realização deste trabalho recaiu sobre três zonas do Alentejo, a zona do Alentejo Central (Distrito de Évora), a zona do Baixo Alentejo (Distrito de Beja) e a zona do Litoral Alentejano (Distrito de Setúbal), abrangendo um total de 30 concelhos (Quadro 1 e Fig.1)

### Quadro 1

– Distritos e Concelhos inventariados

		Distritos		
		Évora	Beja	Setúbal
Concelhos	Alandroal		Aljustrel	Alcácer do Sal
	Arraiolos		Almodôvar	Grândola
	Borba		Alvito	Santiago do Cacém
	Estremoz		BejaSines	
	Évora		Castro Verde	Odemira
	Montemor-o-Novo		Cuba	
	Mourão		Ferreira do Alentejo	
	Partal		Ménida	
	Redondo		Moura	
	Reguengos de Monsaraz		Serpa	
	Vila Viçosa		Ourique	
	Viana do Alentejo		Vidigueira	
	Vendas Novas			

## 2.2 – Recolha de informação

A inventariação dos Pequenos Regadios Individuais do Alentejo – PRIA – dos distritos de Beja e Évora, foi realizada recorrendo à informação disponível nos diferentes Ministérios e a informação particular.

A recolha da informação passou por várias fases

• **1ª fase** – recolha da informação sobre os regadios existentes

Numa primeira fase pretendeu-se, através das diferentes fontes, identificar os regadios existentes com área superior a 5 ha.



**Figura 1** - Pequenos Regadios Individuais (vermelho) versus Grandes Regadios Colectivos (azul)

A definição desta área mínima prendeu-se com os objectivos do trabalho, os quais, na sua essência, pretendem ajudar a criar uma ferramenta de gestão da rega (Carreira et al 2005).

Atendendo às características dos regadios desta zona, à dimensão das explorações agrícolas e ao tipo de culturas, verificou-se que os regadios com área inferior a esta dimensão são, na generalidade dos casos, regadios geridos de uma forma artesanal, suportados em fontes de água de pequena dimensão, e

como tal, sem grande significado em termos económicos. Das diferentes fontes de informação a que se recorreu ressaltam-se as seguintes entidades:

• **Instituto da Água** - INAG - Ministério de Ambiente - informações sobre fontes de água superficial

• **Instituto Nacional de Garantia Agrícola** - INGA - Ministério da Agricultura - informação sobre parcelas regadas

• **Comissão Vitivinícola do Alentejo** - informação sobre as parcelas de vinha regada incluídas no cadastro vitivinícola.

• **Direcção Regional de Agricultura do Alentejo** - DRAAL - Ministério da Agricultura - informação sobre as parcelas de olival regado (Cadastro Olivícola) e com a ajuda das trinta **Zonas Agrárias** da Região foi possível coligir informação sobre as parcelas regadas conhecidas por concelho.

Com a informação tratada, foi construída uma base de dados com informação sobre cada parcela regada

(Nome, Distrito, Concelho, Freguesia, Carta Militar, Linha de Água, Bacia Hidrográfica, Dono da Obra, Fonte de Água, Área da Exploração Agrícola, Área de Regadio, Número do Parcelário, Área de Regadio por parcela, Método de Rega por Parcela, Cultura, Ano de Implantação, etc.)

Com base nesta informação foram inventariados cerca de 1500 manchas de regadio, englobando cerca de 3924 parcelas e 797 proprietários, cobrindo uma área total de 47100 ha.

• **2ª fase** – Complementação da informação sobre os regadios existentes, principalmente as características de todas as fontes de água, nomeadamente o volume disponível e/ou caudal, no caso dos furos:

Alguma desta informação foi conseguida junto da Divisão do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral da antiga

Direcção Regional de Ambiente e Ordenamento do Território do Alentejo - DRAOT, hoje **Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo - CCDR - Alentejo**, entidade licenciadora.

Apesar desta pesquisa há ainda alguns casos em que não foi possível obter elementos, com especial relevância no caso dos furos, em que é muito difícil obter informações sobre as suas características, bem como da sua produtividade.

• **3ª fase** - aquisição da informação cadastral dos regadios existentes

Esta informação, em formato digital e georreferenciada, foi adquirida junto do INGA, depois da

autorização individual de cada agricultor.

• **4ª fase** - aquisição da informação respeitante aos solos dos regadios existentes

A informação referente aos solos abrangidos pelos regadios inventariados foi obtida através da cedência,

pelo **Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica - IDRHa** -, das cartas de solos digitalizadas, georreferenciadas e da base de dados associada.

Com esta informação cartográfica e com a base de dados elaborada foi construída a primeira fase do SIG que permitiu interligar a informação, tendo em vista a disponibilização de um conjunto de informação essencialmente com objectivos de planeamento

## 2.3 - Caracterização das explorações de regadio por distrito

### 2.3.1 - Parcelas de rega

Já estão identificadas, nas 3 zonas em

que incidiu o inventário cerca de 1500 manchas (Fig. 1) com área superior a 5 ha, correspondendo a 3924 parcelas individuais, pertencentes a 797 proprietários. Destas parcelas, 1896 pertencem ao Distrito de Beja (Baixo Alentejo), 1841 ao Distrito de Évora (Alentejo Central) e 187 ao Distrito de Setúbal (Litoral Alentejano). Cada parcela está georreferenciada e identificada com um código numérico.

As áreas de regadio já apuradas (Fig.2) correspondem a 23566 ha para o Distrito de Évora, 22044 ha para o Distrito de Beja e 1489 ha para o zona do Litoral Alentejano (distrito de Setúbal) (Quadro 2)

**Quadro 2** - Proprietários, Parcelas e Áreas abrangidas pelos Regadios Individuais

	DISTRITOS			TOTAL
	Évora	Beja	Setúbal	
Proprietários				
Parcelas (n°)	1896	1841	187	3924
Áreas (ha)	23566	22044	1489	47100
Percentagem (%)	50,00	46,80	3,20	100,00

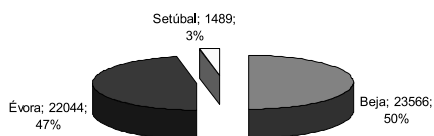


Figura 2 - Áreas regadas por Distrito

Arrumando esta informação por bacias hidrográficas ter-se-á (Quadro 3 e Fig.3):

**Quadro 3** - Proprietários, Parcelas e Áreas do PRIA por Bacias Hidrográficas

	Bacias Hidrográficas					TOTAL
	Sado	Peq. Bac. Vicentina	Mira	Tejo	Gundiana	
Proprietários						
Parcelas (n°)	998	40	29	473	2383	3924
Áreas (ha)	12880	143	275	5742	28051	47100
Percentagem (%)	27	0	1	12	60	100

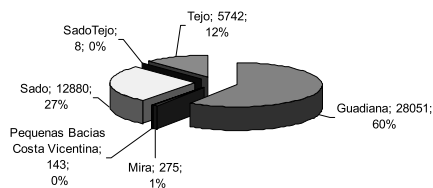


Figura 3 - Áreas regadas por bacia hidrográfica

### 2.3.2 - Sistemas de rega

Em cada parcela de rega podem estar associados um ou vários sistemas de rega. Na generalidade dos casos apenas se encontrou um sistema associado.

Dada a dificuldade de se saber concretamente, parcela a parcela, a ocupação da mesma pelo sistema de rega, uma vez que existem casos em que a configuração da parcela do INGA não está completamente ajustada à área ocupada pelo sistema de rega, considerou-se que a área afectada ao sistema de rega era a área total da parcela.

Por outro lado, há casos em que a mesma parcela é regada por mais de um método de rega, como é o caso dos cantos de uma parcela regada por pivot, em que estes são regados com um sistema de rega fixa.

Sempre que houve dificuldade de fazer a diferenciação entre as áreas ocupadas pelos dois sistemas de rega, foi considerado que a totalidade da parcela era regada apenas por aquele que era mais representativo.

No Quadro 4 e na Fig. 4 apresentam-se as áreas e as percentagens abrangidas pelos diferentes sistemas de rega na zona do projecto.

Quadro 4- Áreas regadas pelos diferentes sistemas de rega inventariados

Sistema de Rega	Zona do Projecto	
	Área (ha)	PERCENTAGEM (%)
Aspersão (Fixa, Móvel)	1122	2
Aspersão (Máquina de Rega)	3355	7
Aspersão (Pivot)	14304	30
Gravidade	617	1
Localizada (Gota-a-Gota)	14973	33
S/Inf. sobre Sistema de Rega	12730	27
<b>Total</b>	<b>47100</b>	<b>100</b>

Figura 4 – Sistemas de rega inventariados

Da análise dos dados da Fig 4 pode constatar-se que os sistemas de rega mais implantados são, na mesma ordem de grandeza, os sistemas por aspersão (39 %) e por rega localizada (33 %). Verifica-se ainda que a rega por gravidade praticamente não tem expressão, ocupando cerca de 1% da área regada.

Pelos motivos já anteriormente assinalados, verifica-se que há ainda uma lacuna de informação sobre os sistemas de rega usados, em cerca de 27 % da área inventariada. Esta lacuna tem especial relevância ao nível do distrito de Évora, onde atinge os 39 %

A representatividade dos diversos sistemas de rega por distrito e por área, é variável.

### 2.3.3 – Fontes de água

Cada parcela de rega pode ser abastecida por diferentes fontes de água, embora, na maioria dos casos, apenas se tenha encontrado uma fonte de água.

As excepções a esta regra prendem-se com as fontes de água subterrânea (furos e charcas), já que, na maioria das situações, e pelo facto dos reduzidos caudais que é possível extrair, se encontra o



binómio charca-furo, como forma de regularizar os caudais de um ou mais furos num reservatório – charca – para utilização conjunta dos volumes de água regularizados a partir da mesma origem.

No sentido de tentar quantificar o volume de água regularizado anualmente, e assim, poder analisar a disponibilidade de água para a área infra-estruturada e para as culturas instaladas, houve que fazer algumas simplificações. Assim, os valores apresentados no Quadro foram obtidos do seguinte modo:

1. O volume armazenável nas barragens foi obtido a partir dos projectos das barragens. Corresponde à capacidade máxima das albufeiras existentes.

2. O volume das charcas foi obtido considerando as dimensões dos projectos, nomeadamente a área à superfície e a profundidade. Considerando que as charcas têm como finalidade captar escoamentos subsuperficiais, considerou-se que anualmente, cada charca, poderá regularizar o dobro da sua capacidade total, ou seja, que pelo facto dos níveis de água na charca baixarem logo que se começa a bombear, permite a entrada de caudal subsuperficial, e que, no final de cada campanha, e em média, o volume afluente será igual à capacidade da charca

3. O volume anual disponível a partir dos furos, dada a impossibilidade de conhecer a produtividade dos mesmos, foi obtido considerando-se que seria o correspondente a um caudal por furo da ordem dos 4 l/s, a trabalhar 18 horas por dia, 25 dias por mês e seis meses por ano.

4. O volume do binómio charca-furo, foi obtido tendo em conta as considerações feita nos item 2 e 3 e o número de furos associados

No Quadro 5 apresentam-se as áreas e as percentagens abrangidas pelas diferentes fontes de água na zona do projecto.

**Quadro 5 – Incidência das fontes de água na área regada**

Fontes de água	Número unidades	Volume		Sem Dados	
		Regularizado (m <sup>3</sup> )	Nº Unidades	Nº Unidades	%
Superfície					
barragem	348	44827073	187	179	51,7
Subterrâneas					
charcas	393	5899910	171	222	56,5
furos	884	3081457	884	8	3,2
Outra	169			169	100,0
Sem informação	201			201	100,0
<b>Total</b>	<b>1773</b>	<b>89237540</b>	<b>1002</b>	<b>771</b>	<b>43,5</b>

Considerando a capacidade máxima de armazenamento, e atendendo a que existem cerca de 43,5 % das fontes de água inventariadas cujas características são ainda desconhecidas, poder-se-á concluir que o volume total regularizado anualmente é superior a 80 x 10<sup>6</sup> m<sup>3</sup>.

A representatividade das diversas fontes de água na alimentação das áreas regadas por distrito e por área, é variável.

### 2.3.4 – Culturas praticadas

Neste capítulo, tudo o que se possa dizer respeita essencialmente a um ano, que, neste caso é o de 2003, já que as áreas regadas por cultura anualmente podem sofrer variações muito grandes, em função dos preços de mercado, das cotas e das medidas de política agrícola que vão surgindo.

Nestas condições, e tendo em conta os inquéritos realizados em 2003, apresentaram-se no Quadro 6 e na Fig.6 as culturas instaladas e as áreas correspondentes.

Os valores apresentados, encontram-se, em alguns casos, simplificados. Esta simplificação deve-se ao

facto de, em alguns casos, terem sido indicadas, para a mesma parcela, mais do que uma cultura. Dada a

dificuldade de tratar estes casos automaticamente, considerou-se que, nestas

situações, apenas era considerada uma cultura, escolhendo-se a mais consumidora de água, e que a mesma, ocupava toda a área da parcela.

Da análise do Quadro 6 e da Fig.6 pode concluir-se que a cultura que ocupa mais área era o milho, com cerca de 19 %, logo seguida pela vinha, com cerca de 14 % e o olival com cerca de 16 %, ocupando, na totalidade, cerca de 70% da área total.

De referir ainda o peso dos cereais de Inverno regados ocupando cerca de 9 %, em que a rega é essencialmente uma rega de complemento, e a beterraba com cerca de 5 %, embora desenvolvida essencialmente no distrito de Beja.

Da análise destes elementos poder-se-á dizer que estas cinco culturas ocupam cerca de 90% do total.

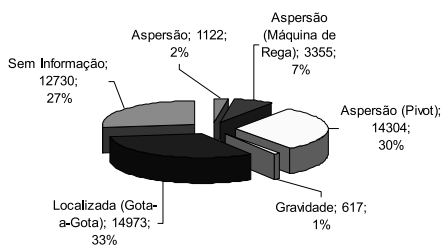


Figura 6 – Culturas regadas

A representatividade das diversas culturas por distrito e por área, é variável.

No sentido de uma melhor caracterização dos regadios do PRIA, estão, neste momento, a sistematizar informação conducente à construção de indicadores económicos. Dada a grande dificuldade em obter dados correctos e indicativos junto dos agricultores, as produções apresentadas para as culturas foram estimadas com base em várias fontes; as dotações de rega apresentadas foram

estimadas com base em diversas informações de carácter geral e na disponibilizada através dos vários projectos do COTR para culturas como algodão, milho, beterraba, tomate, girassol, olival e vinha, e os custos de investimento estimados a partir dos dados que foi possível obter dos projectos de financiamento

Quadro 6– Áreas ocupadas com as principais culturas

Culturas	Area	
	(ha)	(%)
Algodão	98	0
Arroz	502	1
Beterraba	2539	5
Cereais de inverno	4398	9
Fonte	492	1
Frutícolas	572	1
Hortícolas	33	0
Milho	8800	19
Oleaginosas	824	2
Olival	7376	16
Pastagem	548	1
Sem Informação	13799	29
Sorgo	273	1
Tomate	78	0
Vinha	6769	14
TOTAL	47101	100

### 2.3.6 – Regadios a Montante das barragens que alimentam os regadios Colectivos

O conhecimento deste item poderá ser interessante para análise da influência dos pequenos regadios na gestão dos regadios colectivos, ditos estatais.

Nestas condições, apresentam-se no Quadro 7 as áreas regadas situadas a montantes dos diversos

Aproveitamentos Hidroagrícolas existentes, bem como os volumes regularizados através de barragens.

## Quadro 7 – Áreas regadas e volumes retidos a montante das barragens dos Aproveitamentos

Aproveitamentos Hidroagrícolas Existentes	Volumes Armazenados (x 10 <sup>6</sup> m <sup>3</sup> )	Áreas Regadas a Montante (ha)	Volumes Retidos a Montante /1			Percentagem (%)
			(x 10 <sup>6</sup> m <sup>3</sup> )	Total de Unidades	% Unidades com Dados /4	
Mira	240.3	0	0.0	0	100	0.00
Campilhas	26.2	84	0.0	2	50	0.03
Monte da Rocha	97.8	274	1.7	4	100	1.74
Fonte de Cerna	3.7	0	0.0	0	100	0.00
Roxo	89.5	1264	2.2	5	80	2.46
Odivelas /2	200.0	1172	0.4	9	33	0.20
Pego do Altar	94.0	1622	1.5	21	38	1.60
Vale de Gaio	63.0	1287	1.0	6	17	1.59
Minutos						
Divor	11.9					0.00
Vigia	15.5	435	0.3	3	67	1.94
Luçefécite	9.0	974	0.5	4	100	5.56
Alqueva /3	4000.0	11917	6.6	54	55	0.17
Pedrogão	243.0	3498	2.8	22	50	1.15
<b>Total</b>	<b>4636.4</b>	<b>1264</b>	<b>17.008</b>	<b>130</b>		

/1 - volume retido em barragens pertencentes ao PRIA

/2 - inclui as capacidades das albufeiras de Odivelas e Alvão

/3 - não inclui os pequenos regadios implantados no distrito de Portalegre

/4 - o volume regularizado indicado corresponde à percentagem do número de unda

Embora, como está assinalado no Quadro, os volumes regularizados indicados correspondam ainda só a uma percentagem das barragens inventariadas, em virtude da falta de dados sobre as características das barragens, poder-se-á concluir que a influência dos pequenos regadios a montante dos grandes aproveitamentos hidroagrícolas é mínima, já que, em média, a percentagem do volume de água captado a montante é inferior a 5%.

### 2.3.8 – Pequenos regadios individuais existentes nos futuros Blocos de Rega do EFMA

Esta consulta poderá ser interessante para o planeamento da rede de rega dos futuros Blocos de Rega do EFMA, ou seja, ver da área destes blocos já actualmente regada, e da possível utilização das estruturas de armazenamento como complemento da futura rede de rega

Nestas condições, apresentam-se no Quadro 8 e na Fig.7 as áreas regadas situadas a montantes dos diversos Aproveitamentos Hidroagrícolas existentes.

### Quadro 8 – Pequenos regadios existentes nos futuros Blocos do EFMA

Blocos de rega do EFMA	Áreas Regáveis (ha)	Áreas já Regadas (há)	Percentagem (%)
Alqueva	62 595	6762	10.8
Pedrogão	22 160	3524	15.9
Ardila	30 125	3543	11.8
<b>Total</b>	<b>114 880</b>	<b>13829</b>	<b>12.0</b>

## 2.4 - Considerações sobre o software

### 2.4.1 – Considerações Gerais

No sentido de poder tratar, manejar e consultar os dados constantes da base de dados construída, foi desenvolvida uma aplicação informática específica que corre sobre ArcGIS 9.1

No desenvolvimento desta aplicação

informática foram seguidos os seguintes critérios:

- permitir realizar consultas aos dados armazenados de acordo com critérios de agrupamento territorial: freguesia, concelho, distrito, zonas incluídas nas bacias hidrográficas das barragens incluídas no Plano de Rega do Alentejo e zonas abrangidas pelos Blocos de Rega do Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva – EFMA:

- facilitar a consulta dos utilizadores não especializados no manejo da base de dados relacionais, mediante o desenho de consultas pré-definidas;
- Permitir a modificação, eliminação e introdução de informação
- Facilitar a realização de relatórios segundo diversos critérios de agrupação territorial

### 2.4.2 - Princípios de utilização

O manuseamento desta aplicação tem início num “icon” construído expressamente para esta aplicação, através do qual surge uma primeira janela onde será possível seleccionar o tipo de consulta principal pretendido – culturas, métodos de rega e fontes de água.

Escolhido o tipo de consulta, surge uma segunda janela (Fig. 8) que faz a apresentação da aplicação, a partir da qual será possível:

- Fazer consultas sobre as parcelas inventariadas (áreas e localização) com os pequenos regadios individuais para:
  - Toda a zona do projecto
  - Por freguesia
  - Por concelho
  - Por distrito
  - Por bacias hidrográficas (Mira, Sado, Tejo e Guadiana)

- A bacia hidrográfica situada a montante das barragens do Mira, Alto Sado, Roxo, Odivelas, Pego do Altar, Vale de Gaio, Vigia, Minutos, Divor, Monte Novo, Pedrógão e Alqueva

- As futuras zonas incluídas nos Blocos de Alqueva, Pedrógão, Ardila e Monte Novo



**Figura 8** – Exemplo da janela secundária - Culturas

- Fazer consultas sobre o tipo de culturas (actualmente apenas é possível aceder ao ano de 2003) (nome da cultura, área ocupada e localização por parcela ao nível dos agrupamentos territoriais citados anteriormente)

- Fazer consultas sobre os métodos de rega inventariados (tipo, área ocupada e localização por parcela ao nível dos agrupamentos territoriais citados anteriormente (Fig.9)



**Figura 9** – Exemplo da janela secundária – Sistemas de Rega e Fontes de água

- Fazer consultas sobre a localização

das Fontes de Água inventariadas pelos agrupamentos territoriais citados no ponto anterior, por tipo, e com indicação dos volumes de água regularizados anualmente em cada uma das situações

- Barragem
- Charca
- Furo
- Captação em linhas de água
- Verificar a relação que existe sobre a escolha do método de rega e o tipo de culturas
- Fazer consultas sobre as ligações:
- Parcelas regadas a partir de cada uma das fontes de água (área e localização);
- Parcelas ocupadas com uma determinada cultura regada por um determinado método de rega (área e localização);
- Combinações entre os tópicos citados anteriormente

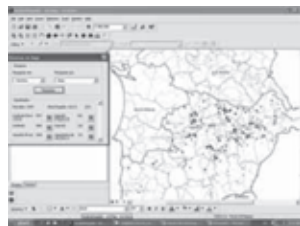
## 2.5 - Apresentação de resultados

### 2.5.1 - Apresentação Geral dos regadios inventariados

Como resultado desta aplicação apresenta-se na Fig.10 um exemplo da saída com a localização das parcelas inventariadas (a verde) para concelho de Beja.

As palavras em castanho claro referem-se ao nome e locais das estações agrometeorológicas automáticas da rede SAGRA.

Para cada tipo de consulta é apresentado na janela, o número de parcelas e a correspondente área, por zona administrativa seleccionada, bem como as áreas correspondentes a cada sub-tipo de escolha. Em frente a cada uma destas áreas existe uma tecla que, quando carregada, permite apresentar, numa outra cor, as parcelas correspondentes.



**Figura 10** – Localização das parcelas de regadio inventariadas no Concelho de Beja

Na Fig.11 apresenta-se um exemplo da saída de uma consulta sobre a inventariação, ao nível de um distrito, da área regada total, número de parcelas inventariado, bem como a área regada por cada um dos métodos de rega.



**Figura 11** – Pequenos regadios individuais do distrito de Beja – localização das parcelas regadas com rega localizada

Nesta figura apresenta-se ainda ressaltado as parcelas regadas por rega localizada (a castanho) em contraste com as regadas pelos restantes métodos (a verde).

Na Fig.12 apresenta-se um exemplo da consulta, ao nível de um concelho, sobre a identificação da área regada total, número total de parcelas e localização (a cor magenta) da área ocupada com as diferentes culturas, realçando a localização das parcelas com olival (a magenta).

O mesmo resultado pode ser obtido para as diferentes opções.



**Figura 12** – Exemplo da janela de saída com a localização, ao nível do concelho de Beja, das áreas regadas por cultura, com realce para a cultura seleccionada - Olival

## 5 – Conclusões

- Uma utilização informática como esta, à qual vão estando sucessivamente agregadas novas aplicações, suportada no inventário georreferenciado dos pequenos regadios individuais do Alentejo - PRIA, é fundamental para a tomada de decisões sobre a gestão da rega (Junta de Andaluzia 2004 e Neumeister 2004).

- Esta aplicação está ainda no princípio, já que no próximo ano será estendida ao distrito de Portalegre e, quem sabe, incluir também os actuais regadios colectivos, vulgarmente ditos estatais.

Como se pode observar existe ainda alguma falta de informação que irá sendo suprida com inquéritos locais, embora a mesma não interfira grandemente com as conclusões que

é já possível tirar nesta fase do trabalho.

- Esta utilização informática, e como tal, a base de dados que lhe está associada será o coração de um conjunto de outras aplicações específicas, mais viradas para a gestão dos factores de produção em regadio, das quais se destacam:

- Gestão da rega – SIGERA – já terminada, apresentada neste Congresso

- Fertilização – a ser elaborada em parceria com o Laboratório Química Agrícola Rebelo da Silva (a concluir em 2006)

- Tomada de decisão sobre as culturas que optimizam, num determinado ano, os factores de produção, a ser elaborada em parceria com a Estação Agronómica Nacional do INIAP (a concluir em 2006)

- A ela estão sendo, neste momento, associados vários tipos de indicadores, nomeadamente de ordem económica, relacionados com o custo da água associado.

- É fundamental que, no final deste projecto, possa ser estabelecida uma parceria forte com os Ministérios da Agricultura e do Ambiente, com o IFADAP e com as Associações de Agricultores, no sentido de manter, por um lado, o inventário sempre actualizado com os novos regadios que vão sendo criados, ou com os que vão sendo modificados, e por outro, no sentido de se poder anualmente manter actualizado o sistema cultural presente em cada parcela.

### Referências Bibliográficas

Carreira,D.; Teixeira,J.L.; Oliveira,I; Fabião,M. 2005 - O SIGIRA - Part II – Serviço de Gestão da Rega - I Congresso Nacional de Rega e Drenagem. Centro Operativo e de Tecnologia de Regadio. Beja, 5 a 7 de Dezembro. 2005

INTERREG IIIA (1) 2003 - "Optimización Agronómica y Medioambiental del Uso del Agua de Riego-UAR". SUBPROGRAMA : 5 Alentejo-Algarve-Andalucia. EIXO : 1 Dotação de infra-estruturas, ordenação e desenvolvimento rural do espaço transfronteiriço. MEDIDA : 1.3 Desenvolvimento Rural e Transfronteiriço

INTERREG IIIA (2) 2005 - "Acciones de transferencia de tecnologia en el manejo eficiente del riego-ATMER". SUBPROGRAMA : 5 Alentejo-Algarve-Andalucia. EIXO : 1 Dotação de infra-estruturas, ordenação e desenvolvimento rural do espaço transfronteiriço. MEDIDA : 1.3 Desenvolvimento Rural e Transfronteiriço

Junta de Andaluzia 2004 – Inventario y Caracterización de los Regadios de Andaluzia. Consejería de Agricultura y Pesca. Sevilla. 2004

Neumeister, C., Álvarez, N., Artigao, A., Tarjuelo, J.M. y Ortega, J.F. 2004 – "Inventario e Caracterización de Los Regadios de Castilla-La Mancha integrado en un SIG – Una Herramienta de Gestión Integral". XXII Congreso Nacional de Riegos. Logroño. 15-17

## RAIOS OS PARTAM!

Raios os partam! Apetece dizer: “raios os partam!” – é um desabafo e é um protesto, é a mais pacífica das manifestações de raiva com que um cidadão concretiza o seu direito à indignação. Haver alternativas a este “raios os partam”, lá isso há. Por exemplo, partir o focinho aos responsáveis pela castração da identidade cultural do nosso povo? Aos responsáveis pelo miserável abastardamento da nossa cultura? Por exemplo, pôr bombas na sede e nas delegações da famigerada ASAE, quase “prima” da asquerosa PIDE que, durante décadas, perseguiu e torturou portugueses? Seria excessivo, dir-me-ão. Talvez.

ASAE – logo a sigla enoja e enjoa. O que faz, para o que serve? Serve para atazanar os nossos costumes. Nas aldeias e vilas, até há pouco, matava-se o porco – era dia de festa, com sopa da matança (no Sul) ou cabidela (no Norte), carnes no alguidar para preparo de enchidos ou para apetitosa fritura, que nalguns lugares recebia o nome de “carne às Mercês”. E aproveitavam-se os pernis para os presuntos ou as queixadas para as caxaburras. E o sangue para as morcelas. Veio a ASAE, com modos de lápis azul do “antigamente” e zás!, proibiu. A matança foi varrida dos costumes – ficaram as amplas chaminés alentejanas despropositadas para os fumeiros. Dia virá que os nossos netos perguntarão, intrigados, para que serviam as grandes chaminés das velhas casas. E saberão que se cometeu o crime de proibir ao povo os dias de festa e abundância.

E saberão que, à força da multa e da punição, os seus antepassados viram-se privados do “petisco”. Saberão que lhes foi vedado deliciarem-se com os enchidos caseiros. Saberão que se viram impedidos de mastigar túbaros, de frigir torresmos do rissol, de colher espargos selvagens e com eles se prazentarem em saborosos ovos mexidos.

Saberão também que, assassinando a nossa cultura gastronómica (parte fundamental da cultura genuína do povo), a tenebrosa ASAE escancarou a importação de enchidos e presuntos estrangeiros, feitos a martelo, de consumo quase obrigatório entre nós, à falta de produto nacional, entretanto clandestinado. Se lhes explicarem, os nossos netos saberão também que tudo isso aconteceu à mistura com a disseminação da cultura da maricagem, com a qual os donos do poder - em inícios do século XXI -quiseram defenestrar a virilidade de um povo indócil e indómito, que se recusava a abdicar dos seus direitos e da sua dignidade.

Poderão ainda saber que essa PIDE de costumes, a ASAE, enquanto (em nome de uma saúde pública que, antes, nunca estivera em causa) xingava a nossa cultura, fechava os olhos à insalubridade dos “mac’donalds” e das pizzarias, onde à farta e com lucro, se cometiam verdadeiros crimes contra a saúde pública. Poderão também saber que se profanou o bom azeite nosso, proibindo a designação da origem e a explicitação do grau de acidez, num descarado convite à mixordagem.

E perguntar-se-ão os nossos netos: como é que tudo isso foi possível, sem protestos, sem revoltas? Nem eu sei, meus caros. A verdade é que fomos capazes de enfrentar a repressão fascista, de combater a exploração, de bater o pé à opressão, mas sucumbimos às balelas trazidas por interesses estrangeiros que varreram das rádios a nossa música, puseram as nossas televisões a falar inglês/americano e brasileiro, fecharam as nossas editoras de livros, encerraram as nossas fábricas e o nosso comércio, compraram os nossos jornalistas e proibiram que as nossas bocas se deleitassem com os sabores nossos.

Perante isto, só sei dizer: “raios os partam!”

## ACORDAR NO SUL

---

(À Maria Amélia Sobral Bastos)

Acordar no azul  
Num jardim de árvores  
E cágados matinais.  
Acordar entre paredes  
Numa teia  
De gestos suaves  
Acordar no azul  
Com uma língua de sol  
Acordar num quintal  
De luz entre vozes  
E chilreios acordar  
Acordar no sul

## COSTA VICENTINA

---

Derrete-se o tempo  
Na tarde serena  
De versos arrancados  
À sombra.

Na rasteirinha erva  
Dos segredos  
Os corvos dormitam.



# VISIÓN EN LA PLAZA DE TOROS VIEJA DE BADAJOZ

Allá en el graderío,  
donde el odio surgió con tanta ira,  
donde habían brotado la hiel y la metralla,  
escupido las balas,  
tableteado ciegos halconeros,  
hoy salem árboles en flor,  
suben hacia las nubes los brazos de la vida,  
rompe cimientos la savia renovada,  
alza promesas  
su tierna dulzura vegetal.

Y abajo,  
entre la arena febril que ya se escapa  
-redondel, anillos de dolor,  
confuso griterío-,  
con la huella imborrable de la sangre,  
con el grande surtidor que nos ahoga,  
estoy soñando a hombres que caminan,  
que suben a este mundo de troncos y ramas  
y alcanzan los cogolhas  
mirando firmemente,  
gritando: “Libertad!”

# SILENCIO

felizmente  
aqui só há a verdade  
do silencio

não se ouvem  
os arautos

nem desta estranha democracia  
nem da moral e bons costumes  
nem do dominante futebol  
nem de uma qualquer religião

só o silencio  
e a cúmplice e difusa luz da madrugada

*Margem esquerda / Mourão / Dez. / 2007*

## **RUAS DE SERPA**

***Das ruas que Serpa tem,  
P'ra mim a que tem mais graça,  
É a das Portas de Beja,  
Desde o arco até à Praça.***

*(Serpa, popular)*

*Ruas de casas branquinhas,  
Velhas, de centenas de anos,  
Como é a Rua dos Canos,  
A do Pregó, ou das Escadinhas.  
Ruas que, não sendo minhas,  
Nem tuas, nem de ninguém  
Em todas elas porém,  
Descubro graça e encanto,  
Por isso é que eu gosto tanto  
Das ruas que Serpa tem.*

*Ruas de nomes antigos,  
(Nem lhes conheço as raízes...)  
Como a Rua dos Farizes,  
Ou a Rua dos Barrigos.  
Os seus discretos postigos,  
Espreitam para ver quem passa...  
E eu, talvez por piraça,  
Entre todas, tão caiadas,  
É mesmo a das Mal-Lavadas  
P'ra min a que tem mais graça.*

*Quem chega, vindo de fora,  
P'la Rua da Fonte Santa,  
Rua dos Arcos encanta,  
Com seu aqueduto e nora.  
Suas muralhas, que outrora  
Resistiram à peleja,  
Ainda causam inveja,  
Pelo ar tão imponente  
Daquela entrada, a poente,  
É a das Portas de Beja.*

*Dá gosto participar  
Dos “cantes até às tantas,  
Que não cansam as gargantas  
Dos teus filhos a cantar...”  
As ruas, a abarrotar,  
De gente de toda a raça,  
P'ra ver o cante, que passa  
Pelo Largo da Corredoura,  
Ou pelas Portas de Moura,  
Desde o arco até à Praça.*

## LOUCOS E VAGABUNDOS

---

Pelas ruas da cidade...  
Pernoitam almas esquecidas  
Como dizem, sem eira nem beira  
De braços e mãos estendidas

Pena ou humilhação  
Sentimentos sem sentidos  
A mais ouvida palavra: Não

O mais sentido olhar de desprezo  
O mais fácil é desistir  
O mais óbvio é perder peso

Perante mais uma jornada, resistir.  
Ficam ali. Vivem assim.  
Até que venha o mais esperado  
Até que chegue o tal fim

Recordam o tempo passado  
Terão alguma vez vivido?

Loucos e vagabundos  
Esvaem-se em gestos sem sentido  
Cavam na alma buracos sem fundo

Mendigam o pão e o dinheiro  
Mendigam a vida e a sorte

Recebem o nada e o receio  
Recebem o pior e a morte

# FRONTEIRA

---

é quando o sexo do vento passa além da fronteira  
que toda a geografia humana desembarca numa encruzilhada

tocada por dentro  
a imaginação dos corpos  
espera uma musica, um clarão, uma raiva

quando a voz sustenta escrever a noite  
cai no interior do coração  
uma só vontade de navegar

é apenas um barco

(deste modo  
o homem transborda  
todo ciclo do nome)



**PREDITRADE**

**GESTÃO E COMÉRCIO IMÓVEIS, LDA.**

*M. Parissy*

## LUMINOSA BARRANCOS

---

Empolgante e saudosíssima  
vila raiana de Barrancos,  
apesar de não te visitar  
há perto de duas décadas,  
dá-me a sensação  
de nunca te ter visitado,  
e de só te ter visto  
através de televisão,  
revistas e livros de turismo.

Parece-me um sonho  
estar caminhando para aí,  
pois meu corpo  
e minha visão  
estavam repletos de saudade  
de ti!...

E ao entrar aí  
vi inúmeros ninhos de cegonhas  
nos seus ninhos  
na Torre do Relógio,  
em chaminés e telhados.

Que poético deparar  
com o carinho das cegonhas  
nos seus ninhos,  
a darem com o seu biquinho,  
de comer às cegonhas pequeninas!...

E que maravilhoso observar  
as cegonhas com  
as suas asas abertas a voarem,  
assemelhando-se a  
um pequeno avião a voar!...

Barrancos vila em anfiteatro  
toda cheia de branquidão,  
tranquilidade  
poesia e  
luminosidade!...

## DE SOL A SOL

---

A minha casa em Ficalho  
no Alentejo  
era um verdadeiro  
observatório solar,  
Pela manhã vinha à janela  
do primeiro andar  
e via o Sol a despontar!  
Nesse tempo o horário de trabalho  
era do nascer ao pôr do Sol.  
Quando terminava o meu dia de trabalho  
como sapateiro,  
subia ao primeiro andar  
e da minha janela da parte de trás  
via o sol,  
mas desta vez a pôr-se ao fundo,  
no Outeiro dos velhacos,  
onde fica o cemitério  
da Aldeia.  
Lembro-me hoje com saudade  
e nostalgia desses tempos  
da minha juventude,  
num tempo distante e duro  
para viver.  
O tempo da ditadura fascista.

## 7 TIPOS DO MEU PAIS SURREALISTA

---

i. Carlos

Tinha uma linha editorial.  
Com ela alinhavava diariamente  
os seus desconchavados artigos.

ii. Manuel

Num primeiro instante  
Deixou-se resvalar para dentro do lodaçal.  
Num segundo morreu afogado.

iii. José

Num poema abarcou o mundo.  
Em toda a vida  
apenas escreveu um universo.

iv. Maria

Enterneciam-se-lhe os joanetes.  
De um momento para o outro  
aliviavam-se os calos psicológicos.

v. Natália

Via uma chuva alegre e entusiástica  
derramar-se sobre os telhados.  
A enxurrada, num arroubo, levou-lhe a casa.

vi. Aníbal

Deixou-se entrar no labirinto.  
Agora só tem uma solução:  
lembrar-se como entrou.

vii. Augusto

Mordeu a própria mão  
para conhecer o sabor do sangue.  
Numa orgia devorou-se a si próprio.



# FORCADAGEM

## FORCADOS AMADORES DE MONFORTE



Monforte é uma das terras deste imenso Alentejo onde a Festa dos Toiros tem mais interpretes, figuras grandes, e onde faltava um grupo de forcados. Este surgiu, começando a dar os primeiros passos, ainda no ano de 1999. Com fardas emprestadas, e ainda muita inexperiência, apresentaram-se mesmo assim em dois ou três espectáculos. Foi porém em 2000 que as novas fardas foram estreadas. Pegaram primeiro um toiro em Espanha, num festival em Almeirim, lá para os lados de Cáceres e, em 20 de Maio, foi a apresentação nos Canaviais, ali bem perto de Évora, onde, em tourada formal, com mais dois Grupos de Forcados, pegaram um curro de toiros de António José Teixeira e conquistaram o troféu para a melhor pega. Foi seu vencedor o seu cabo Paulo Freire, autor de uma grande "cara".

Daí para cá cresceram, ganharam experiência, as corridas foram surgindo e os triunfos também. Conquistaram prémios em boas actuações e, em 2008, apresentaram-se na nossa "catedral" do Campo Pequeno, onde tiveram uma estreia de grande mérito. Pegaram em Espanha e França e, já com onze temporadas, consolidaram uma posição digna e

invejável. De novo o Campo Pequeno, em 14 de Outubro de 2010, a encerrar mais uma época e o primeiro ciclo do Grupo. Na arena lisboeta, o cabo Paulo Freire passou o comando ao Ricardo Carrilho, também um dos fundadores do Grupo e forcado valoroso. Paulo encerrou uma carreira de forcado multifacetado, que com o seu querer e entrega colocou o seu Grupo no lugar de destaque que hoje ocupa. Estamos certos que os triunfos irão continuar para honrar os pergaminhos desta terra aficionada que os viu nascer.

A Amizade que os tem unido continuará, para prestigiar este Alentejo das Touradas, do Sol que «aquece os corações e nos anima a trilhar os caminhos onde os Homens, para triunfarem, necessitam de valores profundos. Liberdade e Coragem para vencer todos os Medos e Desafios.



## **O ALENTEJO, SUA GENTE, A CULTURA, VISTO POR DUAS TURISTAS DE ORIGEM LUSOFONA**

Todos nós gostamos de nos sentir bem vindos, não é mesmo? Esse carinho muitas vezes se expressa na disponibilidade em acolher.

Foi assim, que as famílias Anjos e Jordão, abriram suas casas para as duas amigas brasileiras.

Partindo de Lisboa, nosso primeiro contato com o Alentejo foi Vila Viçosa, uma vila de fundação Medieval, com acontecimentos ligados à Casa de Bragança. Despertou a nossa curiosidade “A Porta dos Nós”.

Nossa visita à Vila Viçosa foi um programa de um dia, distribuído entre o Castelo e o Paço Ducal.

O Museu divulga um acervo bem diferenciado: tapeçarias, porcelanas, faianças portuguesas armaria, mobiliário etc.

A Igreja e a Biblioteca estavam fechadas na ocasião da nossa visita.

No percurso da viagem fomos apreciando uma planície a perder de vista, com suas aldeias de casas brancas, sobreiros, azinheiros, oliveiras. O sol nos parecia muito mais dourado!

Cegonhas iam e vinham dos seus grandes ninhos chamando a todo tempo nossa atenção.

Fizemos paradas em Mora, Pavia, Évora Monte, Extremoz, Borba, e em Arraiolos “a vila branca dos tapetes coloridos”

Provar da cozinha Alentejana foi seguramente um prazer. Inspirada na trilogia mediterrânea (pão, azeite e vinho) associada às ervas aromáticas são feitos, o lombo de porco, o borrego, o coelho, o cação limado, os enchidos, a sopa alentejanas, açordas e migas.

Um toucinho do céu ou os doces de ovos com gila, acompanhados dos vários tipos de queijo, finalizam quase sempre uma refeição.

Isso sem falar da excelência dos vinhos brancos e tintos.

O senso de humor do Alentejano, seus poemas, prosa, musica, o cante e o artesanato nos encantou.

Évora com suas Igrejas (Capela dos Ossos), o Templo da Diana, os museus. Mourão, seu castelo e suas chaminés mouriscas. Fialho e seu azeite premiado merecem todos um realce, pois privamos da companhia amiga de gente da terra.

# ERVAS AROMÁTICAS, MEDICINAIS E ALIMENTARES

Como já dissemos e voltamos a afirmar, no Alentejo, em todo o Alentejo, o uso das ervas é vulgar nas três áreas em título.. No numero anterior falamos dos poejos. Hoje vamos falar das Beldroegas.

## Características

Planta razoavelmente comum na região, conhecida pela maioria das pessoas, já que é muito utilizada em culinária. Tem caules carnudos, folhas espalmadas de cor verde ou muito ligeiramente avermelhadas. No final do verão nascem umas pequenas flores amarelas.

## Usos Medicinais

Possui propriedades:

*[Anti-inflamatórias e emolientes]* cálculos urinários e cistites

*[Laxantes]* recomendada na prisão de ventre crónica

*[Diuréticas e depurativa]* no combate da obesidade

As sementes combatem vermes intestinais.

Segundo o Mestre Salgueiro, “é das melhores plantas no combate ao colesterol mau (HDL), comida em cru ou cozida”

*[Salada]* temperada com sal azeite e limão.

*[Decocção]* 100 g por litro de água. Até 5 chávenas diárias

## Uso Externo

*[Cataplasmas]* da planta fresca e esmagada combate a blefarite (inflamação das pálpebras) e conjuntivite.

## Outros Usos

Como foi referido anteriormente, esta planta é principalmente conhecida em culinária, sobretudo em sopas e saladas.

*in Plantas medicinais  
da Serra d'Ossa*



UM PETISCO DO OUTRO MUNDO.....  
**GASPACHO À MODA DO ALENTEJO**

*Antónia Maria Balão Jordão*

***Ingredientes:***

- Tomate
- Pepino
- Pimento verde
- Pão duro, de migar
- Alho
- Sal
- Azeite
- Vinagre
- Água

***Preparação:***

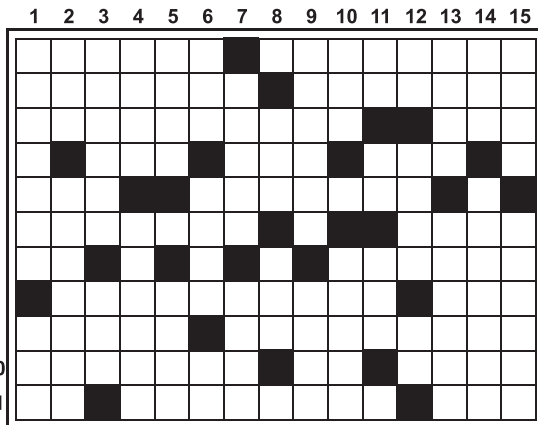
- Cortam-se o tomate, o pepino e o pão aos quadrinhos e o pimento em tirinhas muito pequenas. Numa tigela de ir a mesa esmagam-se muito bem os alhos com o sal. Juntam-se o tomate, o pepino e o pimento. Tempera-se com o azeite e o vinagre e acrescenta-se água fresca. Por fim junta-se o pão.

- (Eu costumo calcular um dente de alho médio e uma tigelinha de tomate, pepino e pão em partes iguais. O pimento é só um pouco, para sabor e cor). A acompanhar peixe frito, é divinal.



# AS PALAVRAS CRUZADAS

**HORIZONTAIS:** 1- Animal mais alto do mundo; Casa ou subterrâneo com abóbada. 2- Fécula alimentícia extraída do rizoma de algumas plantas marantáceas; Objecto constituído por contas enfiadas, destinada a contabilizar as orações vocais. 3- Método de medir a densidade do ar atmosférico; Ilha do Alasca. 4- Meio de subsistência (fig.); Aqui estão; Caminhai. 5- Despida; Assinalado. 6- Içar (a bandeira); Içar. 7- Partícula afirmativa do dialecto provençal; Máscara, geralmente de papelão. 8- Diz-se do organismo rudimentar constituído por uma só célula; Progenitor. 9- Santo a quem é dedicado um templo ou capela; Adoidado. 10- Vasilha velha (Alent.); Soberano da Pérsia (ant.); Hipofosfito de ferro. 11- Ouro (s.q.); Pedreira ou mina de lousa; Discursa.



**VERTICAIS:** 1- Garra das aves de rapina; Ovário de peixe. 2- Indignação; Ave nocturna do Brasil. 3- Lascas; Contraction de em as. 4- Cançoneta; Campo semeado de trigo. 5- Faixa de crepe para luto; Grupo de pessoas que cantam juntamente. 6- Preposição que designa termo de espaço ou de tempo; Ensejo; A minha pessoa. 7- Incendiar; País da Ásia. 8- Gracejar; Aguardente do melão da cana sacarina. 9- Esquiva; Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de frouxo, solto. 10- Produz som; Guardar silêncio. 11- Carta de jogar; Designação do aspecto inconsciente da personalidade; Sapo do Amazonas (Bras.). 12- Mulher ruim; Transmitir gratuitamente bens a outrem; Cento e um em numeração romana. 13- Expressão para incitar as bestas a caminhar; Coelho pequeno. 14- Irmã do pai ou da mãe; Soldado de infantaria. 15- Macaco do Brasil; Jogo de rapazes em que tiram uma moeda a riscos feitos no chão.

**Solução A A - 7 HORIZONTAIS:** 1 - Girafa; Casamata. 2 - Arruata; Rosário. 3 - Dsimetria; Rat. 4 - Pão; Cl. 13 - Arre; Láparo. 14 - Tia; Cagador. 15 - Aoto; Raiola.

**VERTICAIS:** 1 - Gadanh; Ova. 2 - Ira; Uacurau. 3 - Rapsas; Nas. 4 - Ária; Trigal. 5 - Fumo; Coro. 6 - Até; 10 - Vasareu; Xá; Irol. 11 - Au; Louseira; Ora.

**Solução B B - 7 HORIZONTAIS:** 1 - Girafa; Casamata. 2 - Arruata; Rosário. 3 - Dsimetria; Rat. 4 - Pão; Cl. 13 - Arre; Láparo. 14 - Tia; Cagador. 15 - Aoto; Raiola.

**VERTICAIS:** 1 - Gadanh; Ova. 2 - Ira; Uacurau. 3 - Rapsas; Nas. 4 - Ária; Trigal. 5 - Fumo; Coro. 6 - Até; 10 - Vasareu; Xá; Irol. 11 - Au; Louseira; Ora.

CALENDARIO 2011

**JANEIRO**

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1							1
2	2	3	4	5	6	7	8
3	9	10	11	12	13	14	15
4	16	17	18	19	20	21	22
5	23	24	25	26	27	28	29
6	30	31					

**FEVEREIRO**

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
6			1	2	3	4	5
7	6	7	8	9	10	11	12
8	13	14	15	16	17	18	19
9	20	21	22	23	24	25	26
10	27	28					

**MARÇO**

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
10			1	2	3	4	5
11	6	7	8	9	10	11	12
12	13	14	15	16	17	18	19
13	20	21	22	23	24	25	26
14	27	28	29	30	31		

**ABRIL**

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
15						1	2
16	3	4	5	6	7	8	9
17	10	11	12	13	14	15	16
18	17	18	19	20	21	22	23
19	24	25	26	27	28	29	30

**MAIO**

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
19	1	2	3	4	5	6	7
20	8	9	10	11	12	13	14
21	15	16	17	18	19	20	21
22	22	23	24	25	26	27	28
23	29	30	31				

**JUNHO**

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
23				1	2	3	4
24	5	6	7	8	9	10	11
25	12	13	14	15	16	17	18
26	19	20	21	22	23	24	25
27	26	27	28	29	30		

**JULHO**

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
28						1	2
29	3	4	5	6	7	8	9
30	10	11	12	13	14	15	16
31	17	18	19	20	21	22	23
32	24	25	26	27	28	29	30
33	31						

**AGOSTO**

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
33		1	2	3	4	5	6
34	7	8	9	10	11	12	13
35	14	15	16	17	18	19	20
36	21	22	23	24	25	26	27
37	28	29	30	31			

**SETEMBRO**

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
37					1	2	3
38	4	5	6	7	8	9	10
39	11	12	13	14	15	16	17
40	18	19	20	21	22	23	24
41	25	26	27	28	29	30	

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
42							1
43	2	3	4	5	6	7	8
44	9	10	11	12	13	14	15
45	16	17	18	19	20	21	22
46	23	24	25	26	27	28	29
47	30	31					

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
47			1	2	3	4	5
48	6	7	8	9	10	11	12
49	13	14	15	16	17	18	19
50	20	21	22	23	24	25	26
51	27	28	29	30			

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
51					1	2	3
52	4	5	6	7	8	9	10
53	11	12	13	14	15	16	17
54	18	19	20	21	22	23	24
55	25	26	27	28	29	30	31

Ana Paula Venceslau

**FERIADOS EM 2011**

1 Janeiro (Sáb.)	Solenidade de Sta Maria Mãe de Deus
8 Março (3ª f.)	Carnaval
22 Abril (6ª f.)	Sexta-feira Santa
24 Abril (Dom.)	Páscoa
25 Abril (2ª f.)	Dia da Liberdade
1 Maio (Dom.)	Dia do Trabalhador
10 Junho (6ª f.)	Dia de Portugal
23 Junho (5ª f.)	Corpo de Deus
15 Agosto (2ª f.)	Assunção de Nossa Senhora
5 Outubro (4ª f.)	Implantação da República
1 Novembro (3ª f.)	Todos os Santos
1 Dezembro (5ª f.)	Restauração da Independência
8 Dezembro (5ª f.)	Imaculada Conceição
25 Dezembro (Dom.)	Natal

## FASES DA LUA EM 2011

(Tempo Universal)

Lua Nova ●			Quarto Crescente ☾		
Mês	Dia	H. m.	Mês	Dia	H. m.
Janeiro	4	09.03	Janeiro	12	11.31
Fevereiro	3	02.31	Fevereiro	11	07.18
Março	4	20.46	Março	12	23.45
Abril	3	14.32	Abril	11	12.05
Maiο	3	06.51	Maiο	10	20.33
Junho	1	21.03	Junho	9	02.11
Julho	1	08.54	Julho	8	06.29
Julho	30	18.40	-	-	-
Agosto	29	03.04	Agosto	6	11.08
Setembro	27	11.09	Setembro	4	17.39
Outubro	26	19.56	Outubro	4	03.15
Novembro	25	06.10	Novembro	2	16.38
Dezembro	24	18.06	Dezembro	2	09.52

Lua Cheia ○			Quarto Minguante ☾		
Mês	Dia	H. m.	Mês	Dia	H. m.
Janeiro	19	21.21	Janeiro	26	12.57
Fevereiro	18	08.36	Fevereiro	24	23.26
Março	19	18.10	Março	26	12.07
Abril	18	02.44	Abril	25	02.47
Maiο	17	11.09	Maiο	24	18.52
Junho	15	20.14	Junho	23	11.48
Julho	15	06.40	Julho	23	05.02
-	-	-	-	-	-
Agosto	13	18.57	Agosto	21	21.54
Setembro	12	09.27	Setembro	20	13.39
Outubro	12	02.06	Outubro	20	03.30
Novembro	10	20.16	Novembro	18	15.09
Dezembro	10	14.36	Dezembro	18	00.48



**ECLIPSES EM 2011**

<p><b>I. 4 de Janeiro: Eclipse parcial do Sol *</b>                  (Começa às 06h40m; Máximo às 08h45m; Termina às 11h01m)                  * Será visível a partir do Norte de África, Médio Oriente, Ásia Ocidental e Europa.</p>
<p><b>II. 1 de Junho: Eclipse parcial do Sol *</b>                  (Começa às 19h25m; Máximo às 21h16m; Termina às 23h07m)                  * Será visível no Leste da Ásia, a norte da América do Norte, na Gronelândia e no oceano Ártico.</p>
<p><b>III. 15 de Junho: Eclipse total da Lua *</b>                  (Entra na penumbra às 17h23m; o Eclipse Total começa às 19h22m; Meio do Eclipse às 20h13m; O Eclipse Total termina às 21h03m; Sai da penumbra às 23h02m)                  * Será visível na Europa, Ásia, Austrália, América do Sul, África, Médio Oriente, Antártica, e nos oceanos Atlântico, Índico, e Pacífico sudoeste.</p>
<p><b>IV. 1 de Julho: Eclipse parcial do Sol *</b>                  (Começa às 07h54m; Máximo às 08h38m; Termina às 09h23m)                  * Será visível a partir do sul do oceano Índico.</p>
<p><b>V. 25 de Novembro: Eclipse parcial do Sol *</b>                  (Começa às 04h23m; Máximo às 06h20m; Termina às 08h17m)                  * Será visível a partir da Antártica, no extremo sul de África, Nova Zelândia, extremo sul do Atlântico, extremo sul da Índia e no extremo sul do oceano Pacífico.</p>
<p><b>VI. 10 de Dezembro: Eclipse total da Lua *</b>                  (Entra na penumbra às 11h32m; o Eclipse Total começa às 14h06m; Meio do Eclipse às 14h32m; O Eclipse Total termina às 14h58m; Sai da penumbra às 17h32m)                  * Será visível na Europa, Ásia, Austrália, Norte da América, África, Médio Oriente, Gronelândia, e nos oceanos Índico, Pacífico e Ártico.</p>

**COMEÇO DAS ESTAÇÕES EM 2011**

<p>Primavera (Equinócio ♈)</p>	<p>Março..... 20 às 23h;21m</p>
<p>Verão (Solstício ☊)</p>	<p>Junho..... 21 às 17h.16m</p>
<p>Outono (Equinócio ♎)</p>	<p>Setembro.... 23 às 09h.05m</p>
<p>Inverno (Solstício ☋)</p>	<p>Dezembro... 22 às 05h;30m</p>

**MUDANÇAS DA HORA EM 2011**

(Comunicação nos termos do artigo 4º da Directiva do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia relativa às disposições respeitantes à hora de Verão)

Nos domingos 27 de Março e 30 de Outubro

# LEGISLAÇÃO SOBRE A HORA LEGAL

A evolução do conhecimento científico em Astronomia e a problemática da medição e definição de um "padrão de Hora" constante para fins civis, e que facilitasse a vida social, é também patente na legislação que lhe aparece associada. Assim, podemos definir as seguintes grandes etapas legislativas da Hora Legal em Portugal:

- Em princípios do séc. XIX e a par de outras nações europeias, Portugal adoptou o Tempo Solar Médio que simplificou a definição da Hora Legal. Os Reais Observatórios Astronómicos da Marinha (Lisboa) e de Coimbra definiam a Hora Legal para a sua região de longitude.

- A Carta de Lei de 6 de Maio de 1878, Número 111, estabelece no Artigo 2, que o Real Observatório Astronómico de Lisboa (OAL, criado em 1861) tem como quarto (4º) objectivo: "*Fazer a transmissão telegraphica da hora official ás estações semaphoricas e outros pontos do paiz*".

- O Dec. com força de Lei de 27 de Fevereiro de 1891 aprovou as instruções regulamentares relativas às horas e duração de serviço nas estações dependentes da Direcção Geral dos Correios, Telégrafos e Faróis. Estabelecia que: "*a hora, em todas as estações, seria a média official contada pelo meridiano do Real Observatório Astronómico de Lisboa; nas principais cidades do reino e em quaisquer pontos do país, quando a conveniência do serviço público aconselhasse, seriam estabelecidos postos cronométricos destinados a fazer conhecer a hora média official*".

- O Regulamento do Real Observatório Astronómico de Lisboa, em Dec. Lei nº 135 de 20 de Junho de 1903, estabelece no Art. 5º do Título I (Dos Fins do Observatório), que: "*...deverá no Observatório proceder-se regularmente, e de preferência a todos os outros serviços, às seguintes observações: 1.º Determinação diária da correcção e marcha das pêndulas e cronómetros do Observatório, e especialmente da pêndula que for considerada padrão, e estudo minucioso das diversas influências que exerçam acção sobre essa marcha e leis a que obedecem*".

- Outra mudança relevante foi o Dec. Lei de 26 de Maio de 1911: definiu que a partir de 1 de Janeiro de 1912, a Hora em Portugal deixava de ser local (meridiano de Lisboa, OAL) e passava a reger-se pelos Fusos Horários da Convenção de Washington (1884), colocando a hora do continente no Fuso das 00:00 horas (Greenwich). Estabelece ainda este Dec. Lei no seu Art. 4º que as horas entre o meio-dia e a meia-noite sejam designadas com os números das 13 às 23, e que "*A meia-noite, neste caso designa-se por zero*" horas. Assim, a Hora Legal em Portugal Continental foi adiandada de 36m 44s,68, ou seja a diferença de longitudes entre os meridianos do OAL e de Greenwich.

- O Dec. Lei nº 1469, de 30 de Março de 1915, regulamenta o Serviço da Hora Legal relativo ao novo relógio público (no Cais do Sodré em Lisboa) e outros meios de difusão da hora. Diz no seu ponto 1º (primeiro): "*Ao Observatório Astronómico de Lisboa compete enviar constantemente os sinais para a regulação do relógio público...*".

- No ano de 1916 são publicados diversos decretos (nº 2515-B de 15 de Julho, nº 2712 de 27 de Outubro e no 2922 de 30 de Dezembro) que regulamentam o aparecimento da hora de Verão. Nas décadas seguintes alteram-se regularmente as datas de início e fim do período da Hora de Verão, e do valor do adiamento da hora.

- O Dec. Lei nº 34.141, de 24 de Novembro de 1944, extingue o Serviço da Hora e cria a Comissão Permanente da Hora (CPH), cuja presidência é do Director do Observatório Astronómico de Lisboa. Competia-lhe o estudo de todas as questões relacionadas com a determinação, a difusão, e a fiscalização da Hora. A Comissão Permanente da Hora dependia da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes e tinha sede no OAL, a cujos serviços competia assegurar a expediente da Comissão.

- Pelo Dec. Lei nº 279/79, de 9 de Agosto, a Comissão Permanente da Hora "*passou a depender directamente do OAL, tendo por finalidade estudar, propor e fazer cumprir as medidas de natureza científica e regulamentar ligadas ao regime de Hora Legal e aos problemas da hora científica*". Estabelece a composição da CPH tendo como Presidente o Director do OAL, o astrónomo mais antigo desta instituição, e um representante de cada Ministério (alguns). Estabelece as obrigações e competências da dita Comissão, entre as quais: fixar o regime da Hora Legal no país, a coordenação dos processos de difusão da hora na comunicação social, fiscalização de relógios públicos, etc..

- O Dec. Lei nº 44-B/86, de 7 de Março vem adaptar a definição de Hora Legal estabelecendo uma relação directa com o Tempo Universal Coordenado UTC, já em uso legal na maior parte dos países, e em conformidade com as directivas da Comunidade Europeia. O UTC é estabelecido e mantido pelo Bureau International de L'Heure.

- O Dec. Lei nº 17/96, de 8 de Março estabelece a relação entre UTC e Hora Legal no Continente e Ilhas da Madeira e dos Açores, ou seja, define quando (dia do ano) se fazem os adiamentos e atrasos entre Hora Legal e UTC. Actualmente, estas mudanças e definições estão regulamentadas pela coordenação exigida dentro da União Europeia (Sétima Directiva no 94/21/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 30 de Maio de 1994).

O Zodíaco contempla o aparente ciclo anual do Sol pelas constelações, dividindo o firmamento em 12 zonas características iguais de longitude celestial. O Zodíaco é reconhecido como o primeiro sistema de coordenadas celestial, desenvolvido pelos astrónomos da antiga Babilónia e constituído por 12 signos (sinais).

A origem etimológica do termo zodíaco provém do Latim *zodiacus*, que significa «círculo de animais». Contudo, o zodíaco clássico Grego, em tudo semelhante ao que usamos hoje, inclui signos (também estas constelações) que não são representados por animais: Aquário, Gémeos, Virgem e Balança.

Uma outra explicação etimológica conota o termo Grego com «um caminho», o caminho que o Sol percorre do ponto de vista da Terra.

O Zodíaco refere-se também à região da esfera celestial que inclui um conjunto de oito arcos, acima e abaixo do firmamento elíptico, que se cruza com o caminho da Lua e dos planetas visíveis a olho nu: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. Os astrónomos da era clássica (Ptolomeu) chamaram-lhes estrelas flutuantes, para os diferenciar dos planetas fixos.

Já os Astrólogos entendiam o movimento dos planetas e do Sol através das constelações do Zodíaco como uma forma de explicar e prever acontecimentos na Terra.

### Características dos signos:

## ♈ *Carneiro (21/03 a 20/04)*

Com os nativos de Carneiro e os que o têm com ascendente, a primeira impressão é a de uma pessoa egocêntrica e de um signo independente, assertivo e impulsivo. São energéticos e excelentes líderes. Altamente competitivos, gostam de se pôr à prova constantemente.

Apesar de governados por Marte e bastante temperamentais, a fúria é passageira e são em regra acolhedores e inspiradores. Apresentam qualidades como a coragem e lealdade, mas também a impaciência e têm um forte sentido de individualidade.

Aparentam uma certa ingenuidade, por confiarem e acreditarem que os outros são tão directos e honestos como eles. Marte na primeira casa astrológica influencia a personalidade de forma similar.

Carneiro é um dos quatro signos Cardeais, por estar ligado à mudança de estação e do solstício, tendo como elemento o Fogo.

## ♉ *Touro (21/04 a 21/05)*

Os nativos de Touro transmitem a imagem de alguém prático e de quem se pode depender e que tem os pés bem assentes na terra. Não se adaptam muito bem à mudança, sob quaisquer condições, necessitando do tempo necessário para digerir e absorver novos conceitos. São teimosos e não se deixam forçar a fazer seja o que for.

Os Touro são os construtores do zodíaco: são capazes de construir desde uma relação a um império. Apesar de demorarem o seu tempo a iniciar, têm uma personalidade determinada e metódica, características que aplicam no decorrer e conclusão das suas tarefas.

Gostam de aproveitar tudo o que a vida tem para lhes oferecer e apreciam a ordem, organização e o conforto.

Como o animal que representa este signo, não se zangam facilmente mas quando lhe chega a «mostarda ao nariz», é melhor ter cuidado. Escorpião governa a casa das relações, tornando-o o signo mais atractivo para o Touro. O elemento deste signo fixo é a Terra, correspondendo à segunda casa astrológica, a do dinheiro e recursos.

## ♊ *Gémeos (22/05 a 21/06)*

Com um ascendente de Gémeos, a pessoa aparenta ter conhecimento sobre um grande e variado número de assuntos e anseia por comunicar. É uma pessoa espirituosa, inteligente e perspicaz e tende a dominar intelectualmente o círculo onde estiver inserido.

Expressa-se com facilidade e apesar de parecer superficial, tem normalmente algo a dizer quanto aos seus pontos de vista do momento. Com uma mente sempre em funcionamento, a saltar de ideia em ideia, as palavras acabam por funcionar como âncora para os seus pensamentos. Uma das características de um nativo de Gémeos é a capacidade argumentativa que usa para entrar e sair de situações, fazendo parecer simples o que por vezes é bastante complicado e constrangedor. É um pensador criativo, original e um tanto visionário, expressando-se de forma eloquente. Tende a identificar-se com as suas ideias e, devido à sua destreza com as mãos, facilmente põe em prática os seus projectos.

O Gémeos tem sempre presente alguma tensão e nervosismo devido à alta voltagem mental. São atraídos pelos Sagitários. O elemento deste signo mutável é o Ar, correspondendo às ideias e à comunicação.

## ♊ *Caranguejo (22/06 a 22/07)*

A imagem de um nativo de Caranguejo surge como a de alguém orientado para a família e muito sensível ao meio que o rodeia. São pessoas preparadas para agradar e satisfazer as necessidades dos outros e sabem intuitivamente o que os outros querem, mesmo antes deles próprios. Este é um signo maternal, pelo que são protectores e carinhosos. O sentimentalismo ocupa uma grande parte da vida de um Caranguejo, que confia largamente nas intuições e instintos para tomar decisões.

Devido à associação que este signo faz entre posse e emoções, os nativos têm uma óptima memória. Têm uma personalidade inconstante, mudam de humor facilmente e são bastante temperamentais.

Outra característica, são os fortes laços que criam com os que lhes são próximos. São leais mas acabam por ser um pouco possessivos no que diz respeito à lealdade dos outros.

A lua governa a primeira casa astrológica, e os seus parceiros ideais são os práticos Capricórnios. A Água é o elemento deste signo cardeal.

## ♌ *Leão (23/07 a 22/08)*

Os que nasceram sob o signo de Leão mostram o orgulho e a dignidade como características marcantes da sua personalidade. Cheios de vitalidade, acolhedores, leais e honestos, gostam e precisam de constante atenção.

Os nativos de Leão possuem uma grande força de vontade, a par da grande fé e confiança que depositam neles mesmos. Eles «sabem» que nasceram para estar numa posição de liderança e autoridade, o que leva por vezes a chamarem a si o controlo das situações mesmo sem serem convidados. Acostumados à autoridade, quando nesta posição tendem a provar a eles e aos outros que merecem tal confiança.

Apesar de pouco auto-analíticos, têm consciência do efeito que causam nos outros e estudam normalmente, o que fazer para melhorar esse efeito. De uma forma geral, um Leão gosta de fazer tudo com um floreado e gosta que o mundo veja.

A casa das relações é governada por Aquário, pelos quais se sentem mais atraídos. Este signo fixo com o Fogo como elemento, é governado pelo Sol na quinta casa astrológica, apurando naturalmente o seu desejo criativo.

## **♍ Virgem (23/08 a 23/09)**

A imagem da personalidade que um nativo de Virgem transmite é a de alguém que presta muita atenção ao pormenor, metuculoso e perfeccionista, em especial no seu trabalho. São organizados, eficientes, extremamente analíticos e críticos de uma forma objectiva, apesar de por vezes se envolverem de tal modo em trivialidades que perdem o significado por inteiro.

Pegam muitas vezes em trabalhos que outros consideram aborrecidos, porque na maneira de pensar de um Virgem alguém tem de os fazer e eles parecem ser os únicos com a disponibilidade e paciência necessárias para isso. São metuculosos e apurados com a limpeza e a boa aparência, e muito preocupados com a saúde, física e mental.

Dotados de um carácter forte e determinado, são discretos mas lutam por aquilo que querem. Têm uma inteligência rápida e crítica, gostam de trabalhar em equipa e têm tendência para desempenhar tarefas que exijam um elevado grau de precisão.

O signo mais compatível com Virgem é Peixes, porque trazem equilíbrio à relação com o seu idealismo. É o signo mutável com Terra como elemento, realçando o aspecto prático com que usa os recursos.

## **♎ Balança (24/09 a 23/10)**

Os nativos de Balança são pessoas atraentes, não só pela aparência mas também pelo carisma da personalidade. Com a diplomacia do seu lado, encontram-se muitas vezes no lugar de mediadores e dão frequentemente a ideia de se interessarem mais pelos outros que por eles próprios. Acreditam piamente na igualdade e na justiça e conseguem analisar as situações de qualquer ângulo.

Beleza, equilíbrio e harmonia, é o que procuram nas pessoas e no meio que as rodeia. Ambientes mais adversos ou que não proporcionem estas condições podem afectar a sua saúde física e mental.

Os indivíduos de Balança possuem normalmente talentos artísticos e para embelezar o meio envolvente. Em regra não gostam de estar sozinhos, e a cooperação com os outros é sempre um objectivo. A Balança é o signo mais sociável do zodíaco.

Balança é o signo cardeal do Ar, e sentem-se atraídos por Carneiro, com este signo na casa das relações. Carneiro destaca-se e ajuda a equilibrar a falta de decisão de Balança.

Consideram-se mestres nas lides da casa, onde são extremamente organizados: arranjam lugar para tudo e colocam tudo no seu lugar. São também óptimos disciplinadores.

## ♏ *Escorpião (24/10 a 22/11)*

Com uma personalidade um tanto ou quanto difícil de controlar, os nativos de Escorpião gostam de manter segredo quanto aos seus assuntos mas são muito curiosos quanto aos dos outros. Têm um talento inato para descobrir segredos e informação confidencial. Estão sempre intuitivamente alerta para mudanças inevitáveis, e conscientes das que se avizinham.

São as pessoas ideais em caso de emergência porque conseguem manter a calma em tempos de crise. São bastante versáteis e defendem com grande paixão e garra as causas que consideram justas. Os Escorpiões colocam grande esforço e sacrifício no alcance dos objectivos, o que pode ser por vezes uma característica menos boa. Por vezes são um pouco implacáveis quando se sentem ameaçados ou traídos, no entanto podem ser pessoas verdadeiramente encantadoras quando se sentem confiantes.

Quando a natureza intensamente emocional de um nativo deste signo se mistura com os seus desejos românticos, tornam-se possessivos e ciumentos. A sua sensualidade é aparente através da sua personalidade e sentem-se atraídos por Touro, pois estes apreciam o que há de melhor na vida. Escorpião é o signo fixo da Água.

## ♐ *Sagitário (23/11 a 21/12)*

Os Sagitários possuem uma personalidade entusiasta, optimista e sempre de olhos postos no futuro. Têm fé e não há nada que os faça perder a exuberância pela vida. Mesmo que as coisas não corram bem, são capazes de encontrar sempre um lado positivo e identificar um significado e o motivo pela qual as coisas aconteceram daquela forma.

Um Sagitário tem muitas filosofias, e porque entende que as nossas motivações e formas de pensar estão relacionadas com a altura e local onde estamos, as suas ideias e argumentos podem soar quase proféticos. Os Sagitários têm tendência para tirar conclusões precipitadas e de se estenderem em compromissos, tempo e objectivos. Honestos e frontais, podem por vezes magoar ou ofender alguém com um dos seus comentários espontâneos, ficando de certa forma melindrados quando se apercebem dos efeitos das suas palavras. Haverá infelizmente alturas em que não se aperceberão do mal que causaram.

De coração generoso, são capazes de fazer todo o tipo de sacrifícios por aqueles que amam.

Este signo mutável do Fogo tem atracção por Gémeos, pois estes alimentam e quase fundamentam as suas teorias.

## **Capricórnio (22/12-20/01)**

O ascendente de Capricórnio desperta na personalidade a ambição e vontade de perseguir e alcançar a segurança material. Tomam em consideração tudo a que têm acesso ao seu redor para facilitar a subida ao sucesso. Por serem tão prudentes, são adeptos da utilização de qualquer informação com que se deparem.

Os nativos de Capricórnio costumam aparentar serem calmos, tímidos ou um pouco reservados, sobretudo na primeira impressão. Tudo o que fazem tem um propósito e é feito para alcançar um objectivo bem tangível. Paciência, disciplina e trabalho árduo ajudam estes indivíduos a conseguirem aquilo a que se propuseram na vida.

Apesar de levarem o seu tempo a percorrer o caminho traçado, fazem-no de forma segura e sem mudar de direcção. Organizados e metódicos, são capazes de lidar com grandes responsabilidades e obrigações. Preocupam-se bastante com a sua reputação e sentem a necessidade máxima de realização pessoal.

Acham-se merecedores de retribuição por tudo o que contribuem, gostando de ser reconhecidos por isso.

A atracção está direccionada a Caranguejo pois o lado mais emocional destes equilibra uma vida mais orientada para o trabalho e negócios. Corresponde ao signo cardeal de Terra, ligado às profissões e carreira.

## **Aquário (21/01 a 19/02)**

A personalidade de Aquário parece funcionar maioritariamente no plano mental. Intelectuais e com pontos de vista independentes, as suas opiniões vão muitas vezes de encontro às crenças populares e teorias gerais. Parecem estar à frente do seu tempo ou ser mesmo brilhantes e tendem a chocar com as suas ideias e modo de pensar.

São originais, criativos e possuem um temperamento bastante imprevisível, pendendo para a irritação quando os outros não percebem as suas ideias. Para um Aquário, a segurança está na companhia de pensadores como ele, onde as suas ideias são compreendidas. Desprezam a hipocrisia, a falsidade e a imitação, e depositam toda a sua lealdade nos seus amigos.

Envolvem-se normalmente em organizações ou clubes onde todos beneficiam dos objectivos do grupo. São orientados para o contacto com as pessoas, relações às quais dão grande valor. Porque acreditam na igualdade, são o signo mais capaz e provável de alcançar uma relação platónica. Úrano na primeira casa astrológica realça estas qualidades.

As atracções recaem sobre Leão, pois estes conseguem realizar e levar a bom porto todas as suas ideias e são também a força central na relação. Aquário é o signo fixo de Ar.



## ♆ *Peixes (20/02 a 20/03)*

Os nativos de Peixes mostram-se etéreos e misteriosamente sedutores, e apresentam um nível de consciencialização que muitos desconhecem. Não são pessoas materialistas, entregam-se frequentemente de corpo e alma a causas que os outros vêm como perdidas.

Cheios de compaixão, a realidade em que vivem é tão verdadeira como a física. Possuem uma paz interior invejável e conseguem manter-se calmos nas circunstâncias mais adversas. Visionários e muito sensíveis, respondem facilmente aos pensamentos e sentimentos dos outros. Conseguem perceber se os outros estão a passar por dificuldades, detectando a dor e sofrimento nas suas vidas. Os Peixes escolhem muitas vezes dedicar o seu tempo e energia a ajudar alguém, e fazem-no sem pensar em recompensas. São capazes de se colocar nas condições mais indesejáveis para ajudar a libertar a carga de outros.

Costumam ser bastante artísticos por natureza, virados sobretudo para a música e a dança, mas também para a pintura, representação e outros. Nada egoístas e muito dedicados, fecham os olhos aos defeitos de quem amam.

Neptuno governa este signo mutável de Água. Virgem está na casa das relações, pois a sua natureza prática mantém o nativo de Peixes no tempo certo.

TABELA DAS ENCHENTES E VAZANTES DAS MARÉS						
Idade da Lua	Preia-mar			Baixa-mar		
	Manhã		Tarde	Manhã		Tarde
	<i>H</i>	<i>m</i>	<i>H</i>	<i>m</i>	<i>H</i>	<i>m</i>
1 16	3	55	4	19	10	7
2 17	4	44	5	17	10	55
3 18	5	31	5	55	11	43
4 19	6	19	6	43	0	31
5 20	7	7	7	31	1	19
6 21	7	55	8	19	2	7
7 22	8	43	9	7	2	55
8 23	9	31	9	55	3	43
9 24	10	19	10	43	4	31
10 25	11	7	11	31	5	19
11 26	11	55	0	19	6	7
12 27	0	43	1	7	6	55
13 28	1	31	1	52	7	43
14 29	2	19	2	43	8	31
15 30	3	7	3	31	9	19

Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1º dia a seguir à lua nova. Procurando esta idade na tabela acima, obtêm-se as horas da preia-mar num dia qualquer. Por exemplo, querem saber-se as preia-mares e baixa-mares do dia 10 de Janeiro. Procuramos este dia na página do mês de Janeiro e saberemos que é o 6º dia da lua, e procurando na 1ª coluna da tabela o 6º dia da lua, encontramos o que desejamos na mesma linha horizontal.

Quando na tabela das primeiras marés se notam marés da tarde, as marés da manhã desse dia são as segundas do dia anterior. Como acontece no dia 30 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 29. No horário de verão, de 27 de Março a 29 de Outubro, adiciona-se uma hora. Para a precisão exacta, consulte o Instituto Hidrográfico, Lisboa.

Obs.: As horas das marés do dia 1 são as mesmas do dia 16, as do dia 2 são as mesmas do dia 17, e assim por diante.

(Dados do Instituto Hidrográfico: [www.hidrografico.pt](http://www.hidrografico.pt))